

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANA CARLA RODRIGUES FEITOSA

**MARCADORES IDEOLÓGICOS NA TOPONÍMIA DO SUDESTE DO PARÁ:
ESTUDOS DE HAGIOTOPONÍMIA**

SÃO FÉLIX DO XINGU – PARÁ
2021

ANA CARLA RODRIGUES FEITOSA

**MARCADORES IDEOLÓGICOS NA TOPONÍMIA DO SUDESTE DO PARÁ:
ESTUDOS DE HAGIOTOPONÍMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará / UNIFESSPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada Plena em Letras / Língua Portuguesa.

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Linha de pesquisa: Linguagem, memória e identidade
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Ferreira Dias

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

Feitosa, Ana Carla Rodrigues

Marcadores ideológicos na toponímia do Sudeste do Pará: Estudos de hagiotoponímia / Ana Carla Rodrigues Feitosa; orientadora, Elaine Ferreira Dias. — São Félix do Xingu: [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São Félix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2021.

1. Toponímia. 2. Topônimos - Pará, Sudeste. 3. Municípios – Pará, Sudeste. I. Dias, Elaine Ferreira, orient. II. Título.

CDD: 23. ed.: 371.829808115

Elaborada por Renata Matos de Souza – CRB-2/1.586

□

ANA CARLA RODRIGUES FEITOSA

**MARCADORES IDEOLÓGICOS NA TOPONÍMIA DO SUDESTE DO PARÁ:
ESTUDOS DE HAGIOTOPONÍMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará / UNIFESSPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada Plena em Letras / Língua Portuguesa.

Data de aprovação: São Félix do Xingu (PA), _____ de _____ de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Elaine Ferreira Dias
(Orientadora)

Prof.^a Me. Michelly Silva Machado
UFPA

Prof.^a Dr^a Luciana de Barros Ataíde
IEX/Unifesspa

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para agradecer às pessoas, que fazem e fizeram parte da minha vida.

Primeiramente, à Deus, que sempre esteve comigo, não permitindo que desistisse em meus momentos de desânimo e diante das dificuldades encontradas ao longo dessa caminhada.

À minha orientadora, Professora Doutora Elaine Ferreira Dias, pela instrução, dedicação, empenho, apoio e paciência durante a elaboração desta pesquisa, sem o qual a realização deste trabalho não seria possível.

A todos os meus familiares e amigos que sempre me incentivaram. Em especial, à minha irmã Ana Claudia Rodrigues pelo apoio e incentivo durante a elaboração deste trabalho.

À minha amiga Daiane Barbosa, que me incentivou a concluir o curso me proporcionando palavras de conforto nos momentos de dificuldades.

A todos os meus colegas do curso de Letras, que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, em especial à Letícia Gomes, Lília Vidal, Francidalva Gomes, Pablo Gomes e Saulo Couso, por contribuírem no decorrer de toda a minha graduação, o meu muito obrigada.

RESUMO

A mesorregião sudeste do Pará, após cerca de quatro séculos desde a chegada dos primeiros missionários cristãos, possui fortes traços da religião cristã em sua toponímia. Este trabalho tem como objetivo apontar a motivação religiosa como um dos fatores que influenciaram a formação territorial da mesorregião sudeste do Pará, bem como a escolha da nomeação de seus municípios. Para tanto, o *corpus* da pesquisa é constituído por oito hagiotopônimos, a saber: Bom Jesus do Tocantins, Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Domingos do Araguaia, São Félix do Xingu, São Geraldo do Araguaia e São João do Araguaia. Em suma, a pesquisa procura discutir como a motivação religiosa refletiu na escolha dos topônimos. Como metodologia de pesquisa, foram utilizados os parâmetros de pesquisa bibliográfica e documental. Para os estudos toponímicos e classificação das categorias taxonômicas utilizadas, foram adotados os escritos de Dick (1990).

PALAVRAS-CHAVE: Topônimos; Hagiotopônimos; Sudeste do Pará; Marcadores ideológicos.

ABSTRACT

The southeastern mesoregion of Pará, after about four centuries since the arrival of the first Christian missionaries, has strong features of the Christian religion in its toponymy. This work aims to point to religious motivation as one of the factors that influenced the territorial formation of the southeastern mesoregion of Pará, as well as the choice of the nomination of its municipalities. Therefore, the research corpus consists of eight hagiotoponyms, namely: Bom Jesus do Tocantins, Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Domingos do Araguaia, São Félix do Xingu, São Geraldo do Araguaia and São João do Araguaia. In short, the research seeks to discuss how religious motivation was reflected in the choice of place names. As a research methodology, bibliographic and documentary research parameters were used. For the toponymic studies and classification of the taxonomic categories used, the writings of Dick (1990) were adopted.

KEYWORDS – Toponyms; Hagiotoponyms; Southeast of Pará; Ideological markers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj. Adjetivo

AMAT – Associação dos Municípios do Araguaia Tocantins e Carajás.

BA – Bahia

BEC – Batalhão de Engenharia e Construção.

CONSAG – Consultoria e Apoio à Gestão.

CNM – Conferência Nacional dos Municípios.

EG – Elemento Genérico

F. feminino

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

GETAT – Grupo Executivo das Terras do Araguaia/Tocantins.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ITERPA – Instituto de Terras do Pará.

M. masculino

NA – Natureza Antropo-Cultural

NC – Nome Composto

NF – Natureza Física

NS – Nome Simples

PA - Pará

POLAMAZÔNIA – Programa de Polos Agrominerais da Amazônia.

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

Pl. Plural

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento.

Prep. Preposição

PROMIX – Produtora de Minério Xingu.

PROTERRA – Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste.

PSD – Partido Social Democrático.

RADAM – Projeto de levantamento e mapeamento de recursos naturais do Brasil.

SPI – Serviço de Proteção ao Índio.

SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

STF – Supremo Tribunal Federal.

S. substantivo

Sing. singular

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

Suf. Sufixo

TE – Termo Específico

TO - Tocantins

USP – Universidade de São Paulo

LISTAS DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da mesorregião e microrregiões do Sudeste do Pará	18
Figura 2: A taxa Hierotopônimos e suas subdivisões.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo de ficha lexicográfica-toponímica	49
Quadro 2: Topônimos compostos; natureza e taxonomia.....	52
Quadro 3: Hagiopônimos	55
Quadro 4: Estrutura morfológica dos topônimos.....	60
Quadro 5: Topônimos femininos e masculinos.....	61
Quadro 6: Topônimo singular e plural.....	62
Quadro 7: Topônimos compostos por justaposição e aglutinação	64

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Religião no estado do Pará	44
Tabela 2: Hagiopônimos – Singular e plural, números absolutos e percentuais	62

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Flexão de gênero dos hagitopônimos	61
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MESORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ	17
1.1 Contextualização histórica	17
1.2 Contextualização histórica dos municípios	19
1.2.1 Bom Jesus do Tocantins	19
1.2.2 Conceição do Araguaia.....	20
1.2.3 São Félix do Xingu	21
1.2.4 Santana do Araguaia	23
1.2.5 São Domingos do Araguaia.....	24
1.2.6 São Geraldo do Araguaia.....	25
1.2.7 São João do Araguaia.....	26
1.2.8 Santa Maria das Barreiras.....	27
2 MARCADORES IDEOLÓGICOS NA TOPONÍMIA DO SUDESTE PARAENSE	30
2.1 Toponímia	30
2.2 Identidade, toponímia e marcadores ideológicos	33
2.3 Movimentos religiosos	39
2.4 A fé na região sudeste do Pará	42
2.5 Topônimos híbridos	45
3 ANÁLISE DE DADOS	47
3.1 Metodologia	47
3.1.1 Coleta de dados.....	47
3.1.2 Tratamento de dados	51
3.2 Análise	51
3.2.1 Classificação taxonômica	51
3.2.2 Descrição histórica e etimológica: hagiotopônimos	54
3.2.3 Descrição morfológica.....	57
3.2.3.1 Morfologia Flexional	60
3.2.3.2 Morfologia derivacional.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE - FICHAS LEXICOGRÁFICA-TOPONÍMICA	73

INTRODUÇÃO

A ciência denominada de Onomástica é a responsável pelo estudo dos nomes próprios, suas origens e os processos de denominação. Essa ciência possui fortes relações com a história, geografia, antropologia, sociologia, dentre outras ciências. A Onomástica divide-se em duas vertentes, a Antroponímia e a Toponímia. A Toponímia, foco dessa pesquisa, encarrega-se do estudo dos topônimos, isto é, nomes de lugares, seus significados, suas origens, suas transformações e as motivações que implicaram nas escolhas dos designativos. Esta pesquisa possui como proposta o estudo dos nomes próprios de cidades, especificamente dos hagiotopônimos situados na mesorregião sudeste do Pará.

A importância dos estudos toponímicos regionais está no fato de documentarem as características socioculturais de uma região, e com isso contribuírem para a valorização e preservação da memória histórica e social de uma determinada comunidade. Assim sendo, essa pesquisa está delimitada no estudo de nomes de lugares motivados por natureza antro-po-cultural, ou seja, topônimos referentes à ação do homem em meio ao ambiente sociocultural, especificamente os hagiotopônimos com motivação religiosa.

Com isso, percebe-se que os topônimos e seus estudos são um vasto campo de memória coletiva de uma comunidade, uma vez que os nomes de lugares assinalam particularidades no âmbito social, político e ideológico da designação nominativa a partir de um processo histórico.

Várias pesquisas acerca dos topônimos foram recentemente realizadas em todo o país, principalmente nos estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Tocantins. O Pará, segundo estado em extensão territorial do Brasil, é um dos estados com poucos estudos sobre sua toponímia. Diante disso, justifica-se a relevância de uma pesquisa voltada para a toponímia da mesorregião do sudeste paraense, no qual se analise a relação entre fatores linguísticos, contexto sócio-histórico e cultural de um povo e sua relação com a formação da identidade local.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, seguindo uma metodologia de pesquisa bibliográfica e documental. Tem como objeto de estudo os topônimos com motivação religiosa, os quais fazem referências a santos e santas do hagiologio

romano, classificados segundo a taxonomia de hagiotopônimos, os quais se encontram na mesorregião sudeste do estado do Pará.

O estudo foi realizado por meio de um levantamento de dados históricos e geográficos acerca do contexto sócio-histórico dos municípios em estudo, com objetivo de realizar uma descrição, análise e posteriormente classificação desses topônimos, detendo-se nas motivações taxeonômicas que se sobressaem nas designações nominativas. Dessa forma, o presente estudo se fundamenta em estudos teóricos acerca da toponímia, que têm como fonte basilar os escritos de Dick (1990), além de pesquisas sobre os municípios paraenses, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outros.

Portanto, o estudo busca apontar a motivação religiosa como um dos fatores que influenciaram na formação territorial da mesorregião sudeste do Pará, bem como a escolha da nomeação de seus municípios, especificamente nas designações dos municípios de Bom Jesus do Tocantins, Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Domingos do Araguaia, São Félix do Xingu, São Geraldo do Araguaia e São João do Araguaia. Ambos com motivação religiosa atestando referências a entidades religiosas da igreja católica.

O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma contextualização acerca da mesorregião sudeste do Pará e dos municípios selecionados para o estudo, trata-se de uma breve exposição do contexto histórico de formação dos municípios.

O segundo capítulo possui dois grandes momentos de discussão, o primeiro objetiva apresentar breves conceitos acerca da toponímia e dos estudos toponímicos, a relevância desses estudos em caráter histórico e sociocultural e o segundo aborda os movimentos religiosos e suas contribuições para formação territorial na região em estudo, bem como os movimentos que se destacaram no período de colonização até a predominância religiosa atualmente na região.

O último capítulo traz uma descrição e análise linguística do *corpus*. O capítulo inicia-se com a apresentação da metodologia adotada, em seguida tem-se a forma de coleta e análise dos dados. A partir dessa pesquisa, buscou-se correlacionar aspectos linguísticos com os não linguísticos.

1 MESORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ

Este capítulo tem por objetivo apresentar, em primeiro momento, uma breve contextualização histórico-geográfica acerca da mesorregião Sudeste do Pará, posteriormente, os contextos históricos de formação dos oito municípios que configuram o *corpus* desta pesquisa. É primordial lembrar que os topônimos estão na memória de muitos residentes, que são um patrimônio vivo das cidades e precisam ser lembrados para que as futuras gerações saibam contar as histórias de sua terra.

1.1 Contextualização histórica

O Estado do Pará, segundo maior estado do Brasil em extensão territorial, encontra-se localizado na região Norte do país. A origem do topônimo “Pará” vem do termo “pa’ra” que significa rio-mar na língua indígena tupi-guarani (IBGE, 2017).

A partir do final da década de 50, temos o programa de colonização para a Amazônia, como uma das primeiras propostas para o “chamado povoamento” da região sul e sudeste do Pará, a região passou a ser reconhecida como fronteira de recursos, experimentando uma revitalização de políticas de expansão territorial, que foi apoiada tanto pela implantação de infraestrutura como, ferrovias, rodovias e redes de energia, como por programas governamentais, SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia, PROTERRA - Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste e POLAMAZÔNIA - Programa de Polos Agrominerais da Amazônia (SCHMINK & WOOD, 2012).

A ocupação da mesorregião Sudeste do Pará, ocorreu efetivamente no século XIX, através da garimpagem e da pecuária e estar inserida em uma das mais importantes áreas de fronteira agrícola da Amazônia Oriental. Na segunda metade do século XX, observa-se que a mesorregião se encontrava com um contingente populacional pequeno, porém estável, fazendo do município de Marabá a cidade mais importante da região, permanecendo assim até hoje. Com a chegada de maciços investimentos a mesorregião se transformou em uma das áreas de maior dinamismo da Amazônia (SCHMINK & WOOD, 2012)

A mesorregião Sudeste do Pará foi a que mais sofreu mudanças ambientais, econômicas, sociais e políticas nas últimas três décadas. Há uma numerosa

população de indígenas que vivem na mesorregião e que ocupam áreas de reservas destinadas a ela, destaca-se como uma das maiores da região Amazônica, a área indígena Kayapó.

Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), o estado do Pará está dividido em cinco mesorregiões, cada qual portadora de características específicas. A mesorregião do Sudeste do Pará, abrange uma área de 297.344.257 km² e encontra-se dividida em sete microrregiões sediadas pelos municípios: Conceição do Araguaia, Marabá, Paragominas, Parauapebas, Redenção, São Félix do Xingu e Tucuruí, totalizando 39 municípios dos quais oito configuram como *corpus* dessa pesquisa, (Bom Jesus do Tocantins; Conceição do Araguaia; São Félix do Xingu; Santana do Araguaia; São Domingos do Araguaia; São Geraldo do Araguaia; São João do Araguaia e Santa Maria das Barreiras) os quais possuem características e dinâmicas socioeconômicas e territoriais bastantes singulares, formadas pelas transformações dos últimos anos. Em destaque a mesorregião sudeste do Pará, suas respectivas microrregiões estão a seguir ilustrados na figura 1.

Figura 01 – Mapa da mesorregião e microrregiões do Sudeste do Pará.



Fonte: SILVA (2006, p. 15)

1.2 Contextualização histórica dos municípios

Os municípios que configuram o *corpus* da pesquisa são: (1) Bom Jesus do Tocantins; (2) Conceição do Araguaia; (3) São Félix do Xingu; (4) Santana do Araguaia; (5) São Domingos do Araguaia; (6) São Geraldo do Araguaia; (7) São João do Araguaia e (8) Santa Maria das Barreiras.

De uma forma geral, observou-se que alguns traços do contexto histórico dos municípios são semelhantes, com características comuns, no entanto, todos possuem suas particularidades, que os tornam diferentes em muitos outros pontos. Infelizmente, há poucas fontes de informação para pesquisar sobre a história da região e a bibliografia encontrada para cada município é bastante restrita. Assim, os dados apresentados têm como fontes bases o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, os escritos de Ferreira (2003) e informações disponíveis no site das prefeituras municipais.

1.2.1 Bom Jesus do Tocantins

Segundo a Conferência Nacional dos Municípios (CNM), o município de Bom Jesus do Tocantins, foi criado pela Lei nº 5.454, de 10 de maio de 1988, com área desmembrada de São João do Araguaia, que estabelece que o Município, enquanto não possuísse legislação própria, seria regido pelas leis e atos reguladores do Município de São João do Araguaia, integraria a comarca judiciária de Marabá e seria instalado em 1º de janeiro de 1989.

Sua criação ocorreu nos anos de 1964, ocasião em que o número de terras devolutas não era muito grande. Devido à inexistência da PA-70, poucas pessoas tinham acesso ao local. Sua história está relacionada com a do Município que lhe deu origem. Segundo a memória social local, o morador mais antigo do Município é o maranhense Adão de Souza, que se estabeleceu na localidade, por volta de 1962.

De acordo com Ferreira (2003), a nomeação de “Bom Jesus” surgiu a partir do desejo das famílias mais antigas católicas, que consideravam ser um nome significativo, por ser o nome do filho de Deus.

E por fim que, em 1991, pela Lei nº 5.708, de 27 de dezembro de 1991 o Município de Bom Jesus do Tocantins, teve parte de suas terras desmembradas para a criação do Município de Abel Figueiredo, anteriormente seu principal Distrito.

1.2.2 Conceição do Araguaia

O município de Conceição do Araguaia foi estabelecido por missionários que se puseram a catequizar os povos originários que viviam na bacia Araguaia-Tocantins. O núcleo que deu origem ao atual município de Conceição do Araguaia foi fundado em 30 de maio de 1897, pelo padre francês Frei Gil de Vilanova, que veio para a região do Araguaia em busca de catequizar os povos Kayapó e Xavante. A escolha do lugar, deu-se por indicação do geógrafo francês Henry Condreaux, num encontro entre ambos em algum ponto do Rio Araguaia, entre Belém e o atual município. Ao chegar ao ponto indicado, Frei Gil rezou missa debaixo de um pequizeiro e ergueu uma barraca, na qual morou durante anos (FERREIRA, 2003; SCHMINK, 2012).

Em 14 de abril de 1900, foi criado o *Distrito de Conceição do Araguaia*. Em 1902, cinco anos após sua fundação, Conceição do Araguaia abrigava cerca de dois mil habitantes. Em 1904, árvores de caucho¹ foram descobertas nas proximidades e a cidade foi arrebatada pelo comércio da borracha. Em 03 de outubro de 1908, através da Lei Estadual nº 1.901, foi criado o Município de Conceição do Araguaia. A lei nº 1.905, de 18 de outubro de 1920, elevou *Conceição do Araguaia* à categoria de Cidade. Até 1911, a população de Conceição tinha crescido para cerca de seis mil pessoas. Pelo decreto estadual nº 06, de 04 de novembro de 1930, o município de Conceição do Araguaia foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Belém. Através da Lei nº 8, em 31 de outubro de 1935, a localidade foi elevada novamente à categoria de município com a denominação de Conceição do Araguaia. (FERREIRA, 2003; SCHMINK, 2012).

¹ Caucho é uma planta amazônica pertencente à Mata de Terra Firme e, como a Seringueira, também é produtora de goma elástica, mas seu látex não apresenta as mesmas qualidades do produzido pelo gênero *Hevea* (seringueira) e precisa ser misturado ao desta.

Assim, o topônimo de conceição do Araguaia configura como de origem religiosa e geográfica, em homenagem a santa *Nossa Senhora da Conceição* e ao *Rio Araguaia*.

1.2.3 São Félix do Xingu

O Município de São Félix do Xingu foi criado pela Lei nº 2.460 em 29 de dezembro de 1961, com subdivisão distrital das localidades de Altamira e Tucumã. Limitando - se com os municípios de Rio Maria, Xinguara, Marabá e Altamira. Localiza-se na margem direita do médio curso do rio Xingu, onde este se encontra com o rio Fresco. Diferente de Ourilândia e Tucumã, São Félix do Xingu não é uma cidade de “beira de estrada”, o município não foi formado devido ao avanço e construção de uma rodovia, como as outras cidades próximas (Tucumã e Ourilândia) apesar de situar-se no final da PA-279. Mas como cidade da “beira”, recebe esse nome por se localizar próxima as margens de dois rios, mas não é antiga como outras localizadas próximas à foz do rio Xingu.

Essa região despertou o interesse do Estado brasileiro após a descoberta da borracha, no início do século XX. Até então, as terras eram ocupadas por indígenas da etnia Kayapó, estabelecidas na área desde o século XVIII, após a fuga do Planalto Central Brasileiro, seu local de origem. A invasão dos seringueiros nas terras indígenas iniciou um processo social conflituoso que se estendeu durante décadas. Ataques de surpresa, sequestros e assassinatos passaram a fazer parte da realidade local. É neste contexto da descoberta da borracha no Médio Xingu que o município de São Félix tem origem.

Após o declínio da borracha, as atividades na vila de São Félix se diversificaram na medida do possível. No final da década de 1920, a economia girava em torno do comércio da castanha. A população não indígena havia sido reduzida a algumas centenas de pessoas, envolvidas nas atividades de extração. Nesta época, o contato com os grupos Kayapó que habitavam a região se intensificou, geralmente com ações violentas tanto do lado indígena, quanto dos extrativistas. Como resposta, houve uma maior atenção do Estado para região, com a intensificação da sua ação

por meio do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com a construção do Posto Indígena Gorotire.

Durante as décadas de 1930 e 1940, com a II Guerra Mundial, houve novo incentivo à produção da borracha e a população do Xingu voltou a crescer, principalmente com o recrutamento dos “soldados da borracha”. O adensamento populacional fez com que os conflitos já existentes ficassem ainda mais graves. O SPI era acusado de fornecer armas aos indígenas e os comerciantes da borracha iniciaram uma campanha contra o órgão. A instituição argumentava que a defesa indígena era uma resposta à violência dos colonos e seringalistas (SCHMINK & WOOD, op. cit.).

Em 1955, foi criado o Município, com denominação de *São Félix do Gradaús*, sendo considerada inconstitucional sua emancipação pelo STF – Supremo Tribunal Federal. Com o fim das atividades de extrativismo ocorreu uma maior urbanização de São Félix e a cidade foi emancipada de Altamira em 29 de dezembro de 1961, tornando-se o terceiro maior município do país. A instalação ocorreu em 10 de Abril de 1962, data em que se comemora o aniversário da cidade.

Em 1976, teve início a construção da PA-279, que só alcançou São Félix em 1983. A CONSAG também venceu a concorrência para a rodovia e em 1977 deu início aos estudos de viabilidade do projeto Tucumã, em uma área demarcada pelos órgãos fundiários estaduais, denominada Gleba Carapanã, com 400.000 hectares. No ano seguinte, um contrato privado garantiu à empresa colonizadora o direito à colonização da Gleba Carapanã, subsidiada pelos projetos de desenvolvimento da Amazônia.

A finalização da estrada marcou a história de São Félix, com efeitos irreversíveis. Antes mesmo do término da obra, muitos migrantes já haviam chegado ao município em busca de terras para cultivar. Foi o início dos conflitos pela terra no município. Quando os migrantes chegaram, a maior parte das terras do município já haviam sido reivindicadas. Milhares de lotes, denominados glebas, foram demarcados e leiloados pelo ITERPA e GETAT. Houve farta distribuição de títulos de terras entre o final dos anos de 1970 e metade da década de 1980. Com a proliferação dos títulos, foi a ocupação do território que garantiu o uso da terra. A ação violenta dos posseiros ou titulares para com os pequenos produtores rurais foi o mecanismo de ação para a garantia desta posse.

O fluxo de migrantes, principalmente vindos do Nordeste e Centro-Oeste transformou a cidade demográfica e socioeconomicamente. Durante a década de 1980, São Félix do Xingu deixou de ser uma pequena cidade ribeirinha. O centro se tornou um distrito comercial e novos bairros residenciais foram construídos, muitos comércios cresceram às margens da nova estrada. A qualidade das habitações melhorou, mas os serviços básicos, como água e eletricidade eram precários. A agricultura e extração permaneceram como setores importantes da economia, mas o trabalho assalariado passou a dominar como fonte de renda.

1.2.4 Santana do Araguaia

As origens do Município de Santana do Araguaia estão ligadas as do município de Conceição do Araguaia e, especialmente, à Santa Maria das Barreiras, uma das mais antigas povoações araguaianas. O antigo Distrito de Santa Maria das Barreiras tornou-se Município em 29 de dezembro de 1961, com denominação alterada para Santana do Araguaia.

Com a implantação no subdistrito de Campo Alegre, do complexo industrial Frigorífico Atlas S/A, houve grande impulso populacional e econômico. A enchente de 1980 do Rio Araguaia afetou de forma devastadora o Município de Santana do Araguaia, provocando a transferência da sede municipal, situada às margens do Araguaia, para Campo Alegre (FERREIRA, 2003).

Campo Alegre passou a ser Distrito e concomitantemente foi elevada à sede do Município de Santana do Araguaia, mudando obrigatoriamente seu nome para Cidade de Santana do Araguaia, voltando, a antiga sede municipal, a denominar-se Santa Maria das Barreiras. Tudo isso foi oficializado através da Lei nº 5.171, no dia 07 de novembro de 1984 (FERREIRA, 2003).

Com Santana do Araguaia ocorreu, de fato, uma transposição toponímica regional amparada por lei e apoiada por apenas uma parte da população interessada no desenvolvimento econômico, deixando de lado o passado de glória de um povo que lutou por muitos anos para manter sua cultura e história (FERREIRA, 2003).

1.2.5 São Domingos do Araguaia

Segundo a Associação dos Municípios do Araguaia, Tocantins e Carajás (AMAT) a história do município de São Domingos do Araguaia teve início com a chegada do lavrador piauiense Serafim Canário da Silva, no ano de 1952. A partir do ano de 1953 outras famílias, inclusive parentes de Serafim, começaram a chegar e se estabelecer próximo ao local onde habitava o lavrador piauiense.

O povoado cresceu e por muito tempo ficou conhecido por “Centro das Latas”, por terem sido encontradas várias latas de querosene junto aos pés de mangueiras existente na área.

E ainda que o nome São Domingos surgiu em 1955, em homenagem ao primeiro padre que celebrou missa no local. São Domingos de Gusmão foi escolhido padroeiro da localidade, que passou a chamar-se São Domingos das Latas.

As empreiteiras responsáveis pela abertura da Transamazônica nos anos 70, instalaram acampamentos para seus trabalhadores no local onde hoje se encontra a sede do município. Com isso e mais com a transferência de colonos de outras regiões do Brasil para as margens da nova rodovia aumentou consideravelmente a população do povoado. Outras áreas como os castanhais foram sendo ocupadas o que gerou conflitos pela posse da terra. Essa disputa foi solucionada quando a Prefeitura de Marabá desapropriou os castanhais e doou para os agricultores.

E nessa linha de raciocínio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) descreve um dos destaques históricos do município de São Domingos do Araguaia o qual foi a “Guerrilha do Araguaia”, luta armada iniciada pelos militares do Partido Comunista do Brasil contra o regime militar e sufocada entre 1972 e 1974 pelo Exército. Houve na época morte e desaparecimento de moradores, a exemplo do que aconteceu com os grupos de guerrilheiros civis que instalaram-se em vários povoados, como em Bom Jesus e Vila Metade. Nesses lugares os guerrilheiros se apresentavam como agricultores ou comerciantes. Os militares praticaram atos de violência contra a população, guardados na memória dos moradores mais antigos. Somente com a reabertura democrática é que a população nacional tomou conhecimento desses fatos, mesmo assim, superficialmente.

Descreve ainda, o rápido crescimento e desenvolvimento do distrito, onde se registraram reivindicações pela autonomia política, já que a localidade abrigava a maioria dos comerciantes e produtores de São João do Araguaia.

E que por fim, em 1991 foi realizado o plebiscito para emancipação do município tendo 99,5% dos votantes apoiado esse movimento, que se concretizou no mesmo ano. A área do município de São Domingos do Araguaia foi desmembrada do município de São João do Araguaia.

Ressalta-se que o movimento migratório continua forte até os dias de hoje, pelo fato de que a busca pela posse da terra na região é muito intensa neste município, o qual proporcionou o aparecimento de vilas e comunidades em torno da sede e da zona rural.

1.2.6 São Geraldo do Araguaia

De acordo com Ferreira (2003), Garimpo do Chiqueirão, localizado na margem direita do Rio Araguaia, em área do Município de Xambioá, atual Estado do Tocantins, foi o principal motivo da origem do Município de *São Geraldo do Araguaia*, na margem esquerda do Araguaia. A ocupação definitiva deu-se com o estabelecimento de João Rêgo Maranhão, em torno de 1953, às margens do Rio Araguaia, quando este se dedicou à compra de castanha e arroz.

Com o passar do tempo formou-se um povoado em torno da moradia de João Rêgo. Com a morte do filho único do casal de comerciantes, foi erguida uma pequena capela em homenagem a *São Geraldo*, nome do filho adotivo de dona Leocádia. Em 1979, o governador Alacid Nunes, a pedido de moradores da região, propôs à dona Leocádia uma troca de terrenos.

Afirma ainda que em 1980, houve uma cheia do Araguaia que submergiu a maior parte da povoação de *São Geraldo*. Nessa época o prefeito de Conceição do Araguaia, Giovanni Queiroz, adquiriu terras em uma parte mais alta do povoado, loteou-as e cedeu aos moradores, continuando com o antigo nome que homenageava o filho adotivo de uma pioneira araguaiana.

Descreve que o Município de São Geraldo do Araguaia, foi criado pela Lei Estadual nº 5.441, de 10 de maio de 1988, sancionada pelo governador do Estado,

Hélio Mota Gueiros, e publicada em Diário Oficial nº 26.350, com área desmembrada do município de Xinguara. Delineia ainda, que o município de São Geraldo do Araguaia começa seus primeiros passos de fortalecimento nas mãos do prefeito Raimundo Silveira Lima, tenente da reserva do Exército, formado em Ciências Exatas e que chegou a São Geraldo em 1980, para operar na coordenação do 2º BEC – Batalhão de Engenharia e Construção. Havia terminado a Guerrilha do Araguaia, o GETAT – Grupo Executivo das Terras do Araguaia/Tocantins fazia o assentamento de posseiros e o Exército fazia a abertura de estradas.

Adaptando-se a terra e aquela gente humilde, Raimundo Silveira Lima, à época sargento Lima, não só coordenou os trabalhos do BEC como passou a desenvolver trabalho como professor, lecionando na Escola de Primeiro e Segundo Graus Dantas Macário. Transferido para Brasília em 1985, após dois anos, ele retornou para lutar pela emancipação de São Geraldo, que desmembrado em 1982 do município de Conceição do Araguaia, ainda permanecia como distrito do município de Xinguara (FERREIRA, 2003).

Antes de ser transferido para Brasília, Lima disputara em 1982 a prefeitura de Xinguara, pelo PSD, sendo o candidato mais votado entre os cinco correntes ao cargo. Perdeu, no entanto, para a legenda do PMDB. Sua luta estava apenas no início. Com emancipação de São Geraldo do Araguaia. Lima foi eleito seu primeiro prefeito, por vontade popular, e pôde colocar em prática todos os planos para tornar a terra que aprendeu a amar num marco de progresso (FERREIRA, 2003).

1.2.7 São João do Araguaia

De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) a localidade de São João do Araguaia surgiu no fim do século XVIII por iniciativa da capitania do Grão-Pará, para estabelecer um entreposto militar na confluência dos rios Tocantins e Araguaia. O nome São João do Araguaia foi dado por localizar-se próximo a confluência do rio Araguaia.

Conta que devido ao fato de a localidade sediar um destacamento militar, característica que dava grande importância política no século XIX, a localidade atraiu

moradores de Santa Teresa e de Frei Manoel Procópio do Coração de Maria. Em 1901, a localidade de *São João do Araguaia* ganhou categoria de povoado.

E segundo a Associação dos Municípios do Araguaia, Tocantins e Carajás (AMAT), São João se envolveu nos acontecimentos que levaram a anexação do sudeste do Pará ao estado do Goiás, em 1908. Seu objetivo era a elevação à categoria de cidade, desligando-se do município de Baião. Em 1910, os líderes de São João formularam uma proposta conjunta de emancipação da região com os líderes dos principais povoados (Marabá, Conceição do Araguaia e Alcobaça) para tentarem formar o novo estado do Itacaiúnas. Temendo desdobramentos maiores, o governador do Grão-Pará aprovou em 1908 a criação do município de São João do Araguaia.

Destaca que o Município foi afetado pela crise da borracha na década de 1910, perdendo sua autonomia em 1922 ao ser anexado a Marabá. Na mesma ocasião, a vila teve seu nome alterado para São João da Ponta.

Registra-se que a exploração da castanha-do-pará ganhou força na região na década de 1930, quando também foram descobertos depósitos de gemas (cristal de rocha e diamante) no leito do rio Tocantins. Essas atividades fizeram a população local crescer substancialmente.

Assinala ainda que a exploração das gemas teve seu ápice em 1939, declinando com o tempo. Já a exploração de castanha passou por um período de baixa procura, recuperando-se na década de 1950 e permanecendo como atividade econômica importante até a década de 1980, quando foi superada pela pecuária e pela madeira. São João do Araguaia recuperou sua autonomia política em 1961, sendo formalmente instalado em 1962.

1.2.8 Santa Maria das Barreiras

Conforme dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) os fundamentos históricos do Município de Santa Maria das Barreiras, remontam a 1892, quando o sertanista fazendeiro Inocêncio Costa desembarcou à margem esquerda do rio Araguaia e estabeleceu-se em Altas Barreiras. Em seguida, apoiado pelo Governo do Estado do Pará, Augusto Montenegro, levou para os locais inúmeras famílias Maranhenses e, assim, fundou o

núcleo populacional, origem da atual cidade, cujo primeiro religioso foi o Frei de Vila Nova. Os povos indígenas foram os primeiros habitantes da região onde se localiza o município de Santana de Araguaia.

A localidade prosperou, no entanto, somente em 1937, o povoado de Altas Barreiras obteve categoria de distrito, com o nome de Santa Maria das Barreiras. Essa situação perdurou até 1961, quando se tornou unidade autônoma. Na mesma ocasião passou a chamar-se Santana do Araguaia.

E ainda segundo o IBGE, em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Conceição do Araguaia distrito de Santa Maria das Barreiras. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Santa Maria das Barreiras permanece no município de Conceição do Araguaia. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Santa Maria das Barreiras permanece no município de Conceição do Araguaia. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Destaca-se que o mesmo foi elevado à categoria de município com a denominação de Santana do Araguaia, pela Lei Estadual nº 2.460, de 29 de dezembro de 1961, desmembrado de Conceição do Araguaia. Sede no antigo distrito de Santa Maria das Barreiras. Constituído de 2 distritos: Santa Maria das Barreiras e Barreira Branca. Instalado em 10 de abril de 1962, sendo o distrito de Barreira Branca criado pela mesma lei do município.

A divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santa Maria das Barreiras e Barreira Branca. Pela Lei Estadual nº 164, de 23 de janeiro de 1979, o distrito de Santa Maria das Barreiras passou a denominar-se Santana do Araguaia.

Corroborando sobre o assunto a Associação dos Municípios do Araguaia, Tocantins e Carajás (AMAT) descreve que a cidade de Santa Maria das Barreiras, ex- Santana do Araguaia, fundada pelo Sertanejo Inocêncio Pereira Costa, em 07 de Setembro de 1893, recebeu seu nome primitivo de Barreira de Santana, em 1946 é elevada à categoria de Vila, pelo então Prefeito de Conceição do Araguaia, João Rego Maranhão, e passa a ter o nome de Santa Maria das Barreiras, segundo Termo Judiciário de Conceição do Araguaia.

Destaca-se que em 1954 o S. Manoel Quirino de Souza, Prefeito de Conceição do Araguaia, postula a criação do Município de Santa Maria das Barreiras, com o nome de Santana do Araguaia, e o seu objetivo é alcançado com a aprovação da Lei Estadual nº 1.127 de 11 de Março de 1955 e a instalação do Município ocorreu-se no dia 28 de Abril de 1955. A eleição realizada em 1955, teve como eleito o primeiro Prefeito Sr. Manoel Quirino de Souza, no entanto, deixa de tomar posse por motivo de o Município ter perdido sua autonomia Municipal, com a revogação da Lei nº 1.127. Extinto o Município, volta sua sede a condição de Vila e seu antigo nome de Santa Maria das Barreiras.

Em 1961, o então Prefeito de Conceição do Araguaia, senhor Manoel Quirino de Souza, pleiteia pela segunda vez junto ao Governador do Estado, Dr. Aurélio Correa do Carmo, a criação do município de Santana do Araguaia, quando foi apresentada emenda de criação do Município pelo Deputado Estadual, Sr. Pedro Carneiro. A emenda foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado e sancionada em 10 de abril de 1962. Em continuidade, foi eleita a 1ª Prefeita de Santana do Araguaia, a Sra. Isabel da Silva e Souza, que tomou posse no dia 10 de dezembro de 1962 e seu mandato estendeu-se até 31 de janeiro de 1967, data em que transmitiu o cargo ao seu sucessor, senhor José Coelho da Luz.

2 MARCADORES IDEOLÓGICOS NA TOPONÍMIA DO SUDESTE PARAENSE

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma breve resenha a respeito dos estudos toponímicos e, em específico, realizar uma discussão acerca dos marcadores ideológicos presentes nos nomes dos oito municípios com motivação religiosa da mesorregião sudeste do Pará.

2.1 Toponímia

A Onomástica é a ciência responsável pelo estudo dos nomes próprios, suas origens e os processos de denominação. Essa ciência possui fortes relações com a história, geografia, antropologia, sociologia, dentre outras. A Onomástica possui duas vertentes, a Antroponímia e a Toponímia. A Toponímia, foco dessa pesquisa, ocupa-se do estudo dos topônimos, isto é, nomes de lugares, seus significados, suas origens, suas transformações e as motivações que implicaram nas escolhas dos designativos. A pesquisa, em evidência, possui então como proposta o estudo dos nomes próprios de cidades, especificamente da categoria dos hagiotopônimos situados na mesorregião sudeste do Pará.

De acordo com Dick (1990, p.1-2), as pesquisas sobre os topônimos de forma sistematizada teve início na Europa, mais especificamente na França, por volta de 1878, tendo como precursor Auguste Longnon, o qual implantou os estudos toponímicos sob forma de disciplina regular em duas escolas francesas, tendo como resultado posteriormente obras produzidas por seus alunos, possibilitando o surgimento de alguns seguidores nessa linha de pesquisa, como Albert Dauzat. No Brasil os estudos toponímicos iniciaram com a participação de Levy Cardoso, o qual, colocou em destaque apenas os topônimos de particularidades indígenas.

Com isso, os estudos acerca da toponímia brasileira de maneira mais abrangente, ocorreu com os primeiros trabalhos de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick na Universidade de São Paulo (USP). Os estudos de Dick, possibilitou assim como na França o surgimento de novas pesquisas e novos pesquisadores na área dos estudos toponímicos no Brasil, visto que, atualmente, existem diversos trabalhos voltados para os topônimos em todo os país, principalmente nos estados de

São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Tocantins. É válido ressaltar, que até os dias atuais, Dick é grande referência dos estudos toponímicos brasileiros.

A Toponímia é o estudo dos topônimos e sua motivação, isto é, “de enunciados linguísticos formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente” (SEABRA, 2019, p.1953).

De acordo com a classificação taxonômica de Dick (1990), a Toponímia está voltada para duas perspectivas: o homem e a natureza e o homem e o meio sócio cultural. Dividida em 37 taxonomias, sendo 11 de Natureza Física e 16 de Natureza Antropo-Cultural. De Natureza física são exemplos: astrotopônimos, topônimos motivados pelos corpos celeste, fitotopônimos, topônimos de natureza vegetal, hidrotopônimos, topônimos resultantes de acidentes hidrográficos. E de Natureza Antropo-Cultural tem-se como exemplo os antropotopônimos, topônimos motivados por nomes próprios individuais, corotopônimos, topônimos motivados por nomes de lugares, países, estados, regiões e continentes, hierotopônimos, topônimos relativos aos nomes sagrados de diversas crenças, dentre outros, que são estabelecido de acordo com suas motivações.

Através dos estudos toponímicos, é possível compreender as influências linguísticas de outros idiomas/dialetos, reconstruir situações pretéritas, em seus aspectos físico, social, econômico, político, possibilitando traçar aspectos da identidade de um povo. A importância da toponímia está na sua função de preservação das características típicas de uma região, firmados na nomenclatura, descritiva ou associativamente “outra das características mais significativas do topônimo: sua interpretação como um verdadeiro fóssil linguístico.” (DICK, 1990, p.20). Na toponímia a preservação das características ou preservação da memória entende-se o momento de constituição histórica e formalização através da lei por meio do ato de nomear.

Os nomes de lugares estão ligados ao cotidiano dos habitantes que vivem (ou viveram) no lugar ou em seu entorno. Sendo construídos de acordo com a língua que se usam na comunicação do dia-a-dia da localidade. É importante esclarecer neste momento que os topônimos sofrem modificações ao longo dos tempos, ou seja, podem sofrer variação e mudança linguística ou até serem extintos. Por exemplo, o nome do município de São Félix do Xingu que passou de *São Félix da Boca do Rio*

para *São Félix de Gradaús* e por último a denominação passou a ser *São Félix do Xingu*, assim como também *São Domingos das Latas* que passou a receber a denominação de *São Domingos do Araguaia*.

As motivações toponímicas podem surgir a partir da referência de um indivíduo muito conhecido no local (*Abel Figueiredo – PA*), por uma capela ou igreja consagrada a algum santo, em referência a um santo (*São Félix do Xingu*) por um acidente geográfico (*Santa Maria das Barreiras - PA*) ou, ainda, por ambientes naturais característicos da localidade.

As diversas línguas, possuem cada qual um amplo campo na composição de seu léxico. Os falantes de uma língua, então dispõem de um acervo de palavras, no entanto, a escolha para o uso de cada palavra não é aleatório, principalmente quando se trata do processo de nomeação, são considerados as memórias, a cultura, contexto sócio histórico e a vivência de cada indivíduo ou comunidade (DIAS, 2016, p.32). A escolha dos topônimos, então, ocorre de forma motivada “a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior marcando-o duplamente: o que era arbitrário [...] transforma-se no ato de batismo do lugar, em essencialmente motivado” (Dick, 1990, p. 18).

Assim, é possível estabelecer que a toponímia é um vasto campo de memória coletiva de uma dada comunidade, visto que, os nomes de lugares indicam características fundamentais no âmbito social, político e ideológico da designação nominativa a partir de um processo diacrônico.

Com a condição pluridisciplinar do signo toponímico, inserido entre a linguística, a história, a sociologia, geografia entre outras ciências, é possível afirmar que ele concebe uma maneira para conhecer e/ou reconhecer:

- a) a história dos grupos humanos que vivem ou viveram na região;
- b) as características físico-geográficas da região;
- c) as particularidades socioculturais do povo;
- d) extratos linguísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram;
- e) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

Assim sendo, a Toponímia constitui uma estreita relação com a memória, a cultura e a identidade de um povo.

2.2 Identidade, toponímia e marcadores ideológicos

De acordo com a literatura e relatos históricos, sabe-se que a região Norte brasileira não teve prioridade no plano de colonização dos portugueses, assim as primeiras cidades a serem fundadas foram nas regiões nordeste e sudeste. Então, sem que houvesse um plano de colonização, a região Norte sofreu um intenso processo de exploração através das expedições denominadas de “bandeiras”, assim conhecidas as viagens que partiam de São Paulo, tendo como principal objetivo a exploração de minérios preciosos. Quando não encontravam minérios, os bandeirantes aprisionavam os povos nativos para serem vendidos como escravos (CRUZ e PANACHUK, 2014, p.13).

O século XIX foi marcado pela criação do Plano de Valorização Econômico da Amazônia (PVEA), o qual trouxe significativas contribuições para o desenvolvimento da área amazônica. Uma dessas expressivas contribuições refere-se à construção da rodovia Belém Brasília iniciada no ano de 1956, atingindo o Sul do Pará em 1960, propiciando uma conexão terrestre da região, até então isolada, com o restante do país (SCHMINK & WOOD, p. 202).

Outra atividade fundamental no processo de formação da região sudeste do Pará, é a extração de minerais, que atraiu diversos migrantes de todas as regiões do país em busca de riquezas, já que a região possui grandes concentrações de minérios. A região com maior destaque é a Carajás.

Esta pesquisa, por se referir aos estudos dos nomes de determinados municípios motivados por nomes de santos e santas do hagiológico² romano, possui a presença notável de marcadores ideológicos. Marcadores trazidos pelos europeus, justificados pelo processo de colonização desses municípios, que como afirma Candau (2016), a memória e história, possuem aspectos determinantes para a caracterização da identidade de um povo, assim, surge a necessidade de discorrer acerca de identidade, marcadores ideológicos e suas intrínsecas relações com a toponímia.

² É o nome destinado à descrição, estudo e tratado sobre a vida dos santos no catolicismo ou hagiografia. Definição disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/hagiolo%C3%B3gio/>.

Por meio dos hagiotopônimos é possível descobrir aspectos importantes acerca dos acontecimentos históricos e socio-culturais da região em estudo. Dick (1975), ressalta que, quando se refere aos topônimos deve-se compreender que há uma conexão entre a localidade denominada (topônimo) e o seu denominador (comunidade), ou seja, é importante que se tenha em relevância, o contexto em que ocorreu determinada nomeação, levando em consideração o contexto histórico, social, cultural, geográfico, econômico e político.

Nessa conjuntura, os topônimos adotam uma função ativa, a de identificação para o grupo que se apropria deles. Esses nomes proporcionam uma forte afinidade de subjetividade com esse grupo, existindo uma definição, uma semelhança de complementaridade entre o lugar e o habitante mediada pelo topônimo.

Para Gohn (2006) a identidade de um grupo se constrói a partir de um conjunto de percepções e visões de mundo que transparece no seu processo de experiência histórica, ao atuar coletivamente, aliados às representações simbólicas que também constroem ou adotam. Assim, é admissível assegurar que todo ato de nomear é determinado socialmente por meio de uma atividade discursiva e imaginária. Reforça-se, portanto, seu caráter cultural.

Dessa forma, o nome de um bairro, uma praça, uma rua, uma igreja, uma cidade se conectam a um certo número de pessoas, propiciando a invenção de múltiplas representações e identidades.

A identidade, para os estudos de toponímia, constitui-se da trilogia³, ou seja, lugar-topônimo-habitante, exprimindo uma intercessão entre o sujeito e a conjuntura da sua vida, onde residem com sua família, sua afinidade com seus vizinhos e amigos, os lugares que visita (escola, trabalho, igreja, etc.), isso tudo compõe a constituição dos traços típicos e da identificação de um pessoa ou grupo. (SANTOS, 2015, p.175)

É sabido que atualmente, as definições para o termo identidade são amplas, visto que muitos autores tem discutido e escrito sobre o assunto, porém, existe “um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que essa seja uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*.”(CANDAU, 2016, p. 9, grifos do autor). Uma vez que, essa relação

³ Trilogia é um conjunto de três coisas que se ligam para formar um trio uma trindade. Definição disponível em < <https://www.significados.com.br/trilogia/>>

dialógica com o Outro ocorre, tem-se como resultado uma construção social. A identidade constrói-se através da aquisição do conhecimento e da memória humana, seja individual ou coletiva.

Para Hall (2015) “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” e ainda “esse processo produz o sujeito [...], conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2015, p.11). A identidade na era moderna é móvel, instável, que se constrói no decorrer da história e não é dada de forma inata. O sujeito possui a possibilidade de assumir identidades diferentes em momentos diferentes.

Ao encontro com o pensamento de Hall, Bauman (2005) afirma que a identidade está em constantes transformações, sendo formada de acordo com a vivência do indivíduo, ele pode optar por pertencer ou não a uma determinada construção social:

“Tornamos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17-18)

As questões identitárias só surgem com a exposição do indivíduo a comunidades “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”, isso porque “existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a comunidade fundida por ideias” (BAUMAN, 2005, p.17)

Por meio das relações entre memória e história, em que, a memória surge fundamentada na vivência/experiência, e a história se constitui através de acontecimentos do passado, se estabelece a diferença entre memória individual ou pessoal e memória coletiva. Uma vez que, as lembranças e experiências pessoais competem à memória individual, os acontecimentos históricos se atribuem como parte da memória coletiva de uma determinada comunidade. Assim, mesmo que um indivíduo não tenha vivenciado certo acontecimento histórico, porém, se ele sabe pelo menos em partes, como ocorreu tal acontecimento, esse fato está presente na memória coletiva. Portanto, a memória coletiva não está embasada, necessariamente, na vivência individual. Ela é compreendida como fator essencial da construção da

identidade de um povo. E essa identidade pode ser refletida por meio de marcadores ideológicos nas escolhas de nomes, especialmente nas escolhas de nomes de lugares. Uma vez que as escolhas de nomes não são feitas aleatoriamente, o nome diz muito sobre o lugar, seja sobre características físicas, sociais ou ideológicas, como por exemplo as crenças e religiões existentes na localidade.

Como ressaltado por Candau (2016, p.19), “memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente”. É através da memória que os traços identitários são ressaltados e valorizados, tais como crenças, rituais, costumes, tradições, entre outros. A designação do topônimo caracteriza-se, então, como valorização da memória coletiva de uma comunidade, sendo a memória indissociável da identidade, o topônimo resulta na preservação da identidade local, pois “o nome é sempre uma questão identitária e memorial” e “em todos os casos a nomenclatura, a memória e a identidade estabelecem relações muito fortes. Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios.” (CANDAU, 2016, p.68).

Ferrara (1990) assinala que as mudanças reproduções econômicas e sociais criam marcas no meio urbano, traduzidas por imagens que têm como significado o conjunto de valores, hábitos, desejos que unem através dos tempos, o cotidiano dos homens. A cidade, o bairro onde um indivíduo morou e cresceu, as pessoas com quem brincou e conviveu, as suas atividades de lazer, onde estudou, as atividades profissionais que desenvolve, enfim as influências que sofreu, são fatores cruciais na diferenciação de concepções e visões de mundo.

A forma como os indivíduos identificam-se e territorializam-se nos oito municípios da mesorregião Sudeste do Pará decorrem dos processos de ocupação/(re)ocupação influenciados por interesses ou prestígios religiosos, como no caso das cidades anteriormente listadas, nomes consagrados à fé católica (nomes de santos), por meio do topônimo de natureza antroponímico, o *hagiotopônimo* (que se refere à nomes sagrados ou religiosos) e também as que estão com seus nomes associados aos seus recursos naturais.

Os topônimos dos municípios e sua dimensão cultural possuem uma multiplicidade com simbolismos e marcadores ideológicos que expressam os valores coletivos dentro de cada época, onde cada lugar esteve sendo nomeado e ao mesmo tempo acomodou um anseio de pertencimento e comando territorial. Esses valores

coletivos são representados em expressões linguísticas que manifestam marcas de uma coletividade, assim como posto por Dick (1998):

“Tabus linguísticos e expressões linguísticas cristalizadas constituem-se em representações de atitudes coletivas, de maior ou menor impacto social; sujeitos a ideologia dominante, em uma certa época, envolvem-se com a noção do sagrado e caracterizam-se pela marca negativa do procedimento. É o não dizer, o não tocar, não comer, não fazer. O poder da palavra, enquanto força comunicadora, e o que governa a natureza das proibições, inserindo-as no campo mágico-religioso do sagrado ou no campo ético-moral dos sentimentos”. (DICK, 1998, p. 98-99)

De acordo com Dick (1998, p. 99) tanto na Toponímia como na Antroponímia, melhor dizendo, na Onomástica em geral, ocorrem os interditos de marcas, cujas causas originam-se nos próprios costumes e hábitos do grupo, definidores da macrovisão de sua cultura. A linguagem, assim, surge como fato social, coloca em realce ações, atividades, valores e referenciais do cotidiano do grupo.

Para Dick (1998, p.99) os marcadores ideológicos são resultados da mentalidade dominante, costumam recobrir características que remetem a homenagens por vezes servis, fato não estranho aos primeiros colonizadores, navegantes, ou exploradores de território desconhecidos, aos governantes, sejam reis, imperadores, presidentes políticos dos atuais sistemas, incluindo-se aí até a gama variada do universo familiar.

Então, os topônimos estabelecidos por marcas ideológicas evidenciam a relação dominante/dominado, relações de contato linguístico e cultural, de poder do mando e da sujeição, mesmo em locais em que o exercício de autoridade não se define pelo continuísmo ou pela transmissão hereditária.

Os topônimos brasileiros com marcas ideológicas religiosas são em sua maioria herdados dos portugueses, esses nomes demonstram um interesse, “nomes de santos ou de elementos ligados ao Cristianismo poderiam revelar apego ao dogma, se não ao fato, à letra, e justificariam toda a dominação da nova terra a partir da preocupação de salvar as almas dos nativos, aliás, justificativa de todo o colonialismo europeu”. (Faggion, Misturini e Pizzol, 2013, p. 12)

Os topônimos em investigação, no aspecto ideológico, apontam relações de poder, valorização da religião dos dominantes. Para Dick (1998, p. 103) os diferentes marcadores ideológicos distribuem-se nas coordenadas tempo-situacionais, no qual há actantes básicos como nomeador, o objeto nomeado e o receptor. Assim, os nomes

designados a lugares quase sempre estão relacionados com os fatores históricos, sociais, culturais e ideológicos de quando foram denominados.

Se os hagiotopônimos demonstram, na toponímia, a marca do sagrado, o que significa uma cosmovisão típica de uma época, outras marcas ideológicas distintas deste domínio podem ser notadas no universo onomástico. Também configuram épocas, estágios denominativos e chegam mesmo a definir a paisagem regional. O que muda de uma região a outra e mesmo em tempos recorrentes, é a personagem homenageada. Existem as constantes, sempre presentes na onomástica, os dirigentes políticos, reis, imperadores, os que fazem a história da terra e do povo, independentemente dos reais méritos. Mas há também os que nada produziram em prol da coletividade, o seu raio de atuação não ultrapassando o pequeno núcleo onde viveram; mesmo assim conseguem uma homenagem, ainda que a comunidade não participe dessa escolha.

De acordo com Tuan (1983, p. 151) “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”, pelo que a instituição dos lugares é adequada de acomodar esta acepção e sentido.

Através do ato de nomear os lugares, criaram-se identidades, pertencimentos e territorialidades, que aos poucos constituíram e foram aceitos pelos grupos. Na mesorregião Sudeste do Pará os lugares receberam nomes que lembram práticas, costumes e valores que, em grosso modo, conjeturaram identidades já existentes, ou seja, identidades daqueles que começaram o processo de fundação das cidades, pois “todos os lugares habitados têm nomes. A toponímia é, portanto, uma herança preciosa das culturas passadas” (CLAVAL, 2001, p.189).

Nesta acepção, é aceitável compreender a relação emblemática que determinado lugar desenvolve ou desenvolveu em outras épocas, tendo em vista que “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual” (TUAN, 1983, p.7). E por este aspecto, o modo íntimo inclui-se com os que vivem o lugar, e o conceitual, pertinente à astúcia dos que abordam este lugar. Por exemplo, o nome do município Curionópolis. Embora o étimo possa inicialmente parecer estar relacionado a um pássaro, Curió, e então ser classificado segundo as taxonomias de Dick (1990), como zootopônimo, topônimo em referência a nomes de animais. O contexto histórico e cultural leva a outra classificação. Conforme aponta Ferreira (2003), a motivação

desse topônimo está relacionada ao apelido de um de seus pioneiros, sendo então classificado como antropotopônimo (DICK, 1990), relativo a nome, sobrenome e apelido de pessoas.

2.3 Movimentos religiosos

Para compreender a importância e o contexto dos movimentos religiosos no estado do Pará, é necessário levar em consideração a marcante influência da religião cristã, especificamente católica no processo de colonização que a partir dos sucessos das Grandes Navegações, ganhou legitimidade para que os missionários fossem eleitos os agentes da expansão do Reino de Deus (cristianismo) (TAVARES, 2008, p. 63).

O processo de colonização dos estados do Maranhão e Pará ocorreu tardiamente e esteve subordinado diretamente à capital portuguesa, Lisboa, e não ao Governador-geral do Brasil. (AMORIM, 2005, p. 81)

Os Franciscanos da Província de Santo Antônio foram os primeiros missionários a chegar na região Amazônica, seguidos pelos Jesuítas, pelos Carmelitas e pelos Mercedários. A atuação da Ordem dos Franciscos no Brasil foi registrada no ano de 1520 pela tentativa de dois franciscanos de evangelizar os índios em Porto Seguro. Tempos depois, entre 1538 e 1547, foi a vez de dois membros espanhóis da Ordem atuarem junto aos índios Carijós de Santa Catarina (TEIXEIRA, 2009, p. 37).

Vários outros episódios isolados foram registrados em outros pontos do país sem a fundação de conventos, no estado do Pará, os franciscanos atuavam diretamente nas localidades ainda não colonizada, assim as ações dos franciscanos consistiam-se em converter/evangelizar os indígenas, porém, as missões para com os indígenas não aconteciam de forma sistemática.

Essas missões contavam com o apoio financeiro do Reino de Portugal, em contrapartida, as missões se faziam a conversão dos nativos e prestavam assistência aos colonos de forma intelectual, por meio de aulas espirituais, através da religião católica (TAVARES, 2008, p. 66). Dentre as congregações religiosas envolvidas nas missões, a Companhia de Jesus (jesuítas) foi a que obteve maior destaque. É devido

ao grande alcance tanto ideológico, por meio da propagação da religião, quanto territorial, através do adentramento dos missionários da ordem Companhia de Jesus no território que atualmente corresponde ao estado do Pará. E é sobre eles que se encontram maiores escritos acerca dos movimentos religiosos, especificamente na mesorregião sudeste do Pará.

As tentativas de mudar ou converter os nativos por meio das missões religiosas na região amazônica no século XVII, não se limitavam ao âmbito espiritual, já que se configurava como um conjunto de mudanças no comportamento dos povos nativos, com a finalidade de transformá-los em súditos úteis e cristãos e, portanto, incluía objetivos como: a) o fim do nomadismo, com o objetivo de que houvesse a mudança na organização espacial de suas antigas aldeias, b) o preparo técnico para trabalhos nos ofícios mecânicos e a criação de uma mão de obra disciplinada para o trabalho agrícola, c) mudanças nos seus modos de vida social, propagando a estrutura e os vínculos da família cristã.

Em suma, os movimentos religiosos no Estado do Pará iniciaram-se após a imigração dos portugueses para o Brasil, com o objetivo de povoar o território e posteriormente explorá-lo. Os portugueses depararam-se com crenças já existentes pela população indígena, que se baseava em ritualidades, relações entre a natureza e as divindades. Instalaram-se diversas ordens religiosas com o objetivo de promover a catequização. Os Capuchos da Província de Santo Antônio, Franciscanos, foram os primeiros a chegar, em 1617, acompanhados pelos Carmelitas (1626), Jesuítas (1636) e Mercedários (1639).

Com o avanço no território brasileiro, culturas e etnias foram sendo reveladas e exploradas pelos portugueses, que necessitavam de um controle territorial e sobre seus indivíduos, que se tornaram submissos à coroa portuguesa de variados modos, em especial à religião.

O Brasil tornou-se um sistema de crenças, caracterizado por elementos religiosos diversos, como econômico, social, lúdico e étnico, um modo de cristianização, já que os indígenas eram considerados Pagãos e Infiéis.

Para garantir a conquista do enorme território brasileiro, era imprescindível que o mesmo fosse ocupado fisicamente e ideologicamente. E um fato que não era possível passar despercebido, ou seja, a existência da população indígena, bem

conhecida através dos relatos das viagens e que era numerosa a população localizada à margem dos grandes rios, como foi narrado por Raposo Tavares. A sua expedição, que partiu de São Paulo, em 1647, e atingiu o alto curso do rio Madeira dois anos depois, foi descrita pelo Padre Antônio Vieira:

Quinze dias depois de começar a viagem pelo rio, começaram a ver povoações e, desde então não houve um dia em que não vissem algumas, e geralmente viam muitas todos os dias. Eles viram cidades com 300 cabanas [...] com muitas famílias vivendo em cada uma delas [...] calcularam que [uma nação] continha 150 mil almas. (ANTÔNIO VIEIRA, ao jesuíta provinciano no Brasil, c. janeiro de 1654, apud HEMMING, 2009, pg. 90).

A princípio, a população indígena não foi encarada como legítima e conseqüentemente os seus direitos foram extintos. Os colonizadores avistaram nela, inicialmente, uma oportunidade financeira através da utilização do trabalho compulsório dos indígenas, ou seja, à sua escravização. Mesmo sendo uma prática ilegal, tendo várias leis portuguesas tratando sobre esta situação, possuía grande pressão dos donos de terra. Portanto, os moradores locais eram forçados a trabalhar para os colonos de duas formas, ou voluntariamente, saindo de suas terras de origem e residindo perto das cidades ou das missões, ou involuntariamente, onde era aplicado a escravidão legal.

A ação dos missionários da Companhia de Jesus, iniciada em 1636, os aldeamentos foram largamente conquistados no vale amazônico. A ação dos jesuítas teve início com a viagem de Luís Figueira pelo Tocantins, Pacajá e Baixo Xingu. Ele visitou diversas aldeias, o que lhe proporcionou um bom conhecimento da região e da situação da população nativa. Assim que retornou dessa viagem, foi chamado a Portugal, onde publicou o livro *Memorial sobre as terras e gentes do Maranhão, Grão-Pará e o rio Amazonas*, no qual também apontou as prioridades missionárias: organizar e moralizar os colonos, amparar e converter os índios e criar um bispado no Estado do Maranhão, subordinado a Lisboa (LOUREIRO, 1978).

Todo o Vale Amazônico, no final do século XVII esteve sob o domínio dos jesuítas, cujas fazendas e feitorias haviam se transformado em empreendimentos econômicos promissores, mas a Companhia de Jesus não conseguiu alcançar de maneira satisfatória o número de aldeamentos e fazendas que se dispôs a fundar, ficando a catequese em segundo plano (HOORNAERT, 1990).

Em resumo este processo foi responsável pela migração e aniquilamento de boa parte das etnias indígenas do sudeste do Pará. Mesmo sem existir aldeamentos no médio curso do Tocantins, este serviu como caminho para os deslocamentos das etnias para a região de Belém, ou as exterminando com doenças e expedições de aprisionamento.

Como já foi mencionado, as ações dos missionários durante o século XVII, ocorriam como forma de controle territorial, na formação territorial paraense, segundo Tavares (2008) esse controle era “baseado na construção de fortins nos locais de concentração de população indígena, com o objetivo de capturá-los e impedir sua aliança com as nações europeias, e na introdução de companhias religiosas com objetivo de pacificar os indígenas” (TAVARES, 2008, p. 62) O território então foi demarcado e dividido entre as ordens religiosas, carmelitas, franciscanos, mercedários e jesuítas.

A divisão consistiu no seguinte: os Carmelitas ficaram com o vale dos rios Negro, Branco e Solimões; os Franciscanos, ficaram com a margem esquerda do baixo Amazonas e centro de Gurupá até o rio Urubu; Cabo Norte, Marajó e Baixo Amazonas; os Mercedários, com o vale do Urubu e os Jesuítas ficaram com o sul do Amazonas, norte do país, até a fronteira com as pressões espanholas, abrangendo os rios Tocantins, Xingu, Tapajós e Madeira (TAVARES, 2008, p.60-61). Possivelmente, essa divisão justifique a maior contribuição das missões dos missionários Jesuítas na formação do estado do Pará, ao menos dentre os movimentos religiosos pesquisados, os jesuítas são os mais presentes na formação das vilas e cidades paraenses.

2.4 A fé na região sudeste do Pará

Para Teixeira (2009) o culto a uma determinada religião é uma das atividades mais universais conhecidas pela humanidade, sendo praticada por todas as culturas desde o início dos tempos. O território paraense sofreu a influência marcante da imposição da religião católica apostólica romana desde a chegada ao Brasil dos primeiros movimentos religiosos.

É sabido que as manifestações religiosas são uma das atividades ideológicas mais universais manifestada pelos seres humanos, sendo praticadas por diversas culturas desde o início dos tempos. Dentre os movimentos religiosos percorridos nos tópicos anteriores, os jesuítas foram os que historicamente mais deixaram marcas na identidade da mesorregião sudeste paraense, conseqüentemente são deles que mais se encontram relatos e materiais para pesquisa.

Nos dias atuais, no Brasil tem-se a representação de um Estado Laico, com o discurso de respeito e convivência harmoniosa das diversas religiões existente no país. Contudo, no léxico onomástico-toponímico, perdura a hegemonia da Igreja Católica Apostólica Romana, conseqüentemente, o mesmo ocorre no léxico-toponímico da mesorregião do sudeste paraense, uma vez que não foi identificado topônimos municipais nessa mesorregião que fazem menção a outra corrente religiosa.

Então, os aspectos de religiosidade no Pará são notórios, podem ser observados, dentre outras formas, na Toponímia. É válido ressaltar, que dentre os topônimos estudados as manifestações religiosas dos povos autóctones e/ou escravizados não são representadas ou homenageadas como topônimos na denominação de cidades paraenses. Essas manifestações foram excluídas visivelmente e ideologicamente pelas elites dominantes durante todo o processo de colonização das terras brasileiras. De fato, foi imposta no ato de nomear lugares a religião dos colonizadores aos colonizados indígenas e aos negros escravizados. De encontro com esse pensamento Dick (1990, p. 55) destaca os trabalhos de Levy Cardoso quando afirma que “a denominação autóctone foi alterada por motivos de convicção religiosa dos padres missionários e colonizadores”.

Em dados estatísticos, de acordo com o censo do IBGE de 2010, os católicos (nominais ou não) somam 73,57% no Brasil. Não seria diferente na significativa comunidade paraense, na qual, a religião católica se mostra majoritariamente. A tabela 1, traz uma amostra em números reais acerca da religião no estado do Pará, os números foram coletados no banco de dados do IBGE (2010).

Tabela 1: Religião no Estado do Pará

Religião	Quant.
Sem religião (pessoas)	528.247
Budismo (pessoas)	3.949
Candomblé (pessoas)	964
Católica apostólica brasileira (pessoas)	44.173
Católica apostólica romana (pessoas)	4.828.198
Católica ortodoxa (pessoas)	3.811
Espírita (pessoas)	33.924
Espiritualista (pessoas)	500
Evangélica (pessoas)	2.026.332
Não determinada (pessoas)	208.536
Missionária (pessoas)	254.076
Pentecostal (pessoas)	1.563.720
Hinduísmo (pessoas)	135
Igreja de Jesus cristo dos Santos dos últimos dias (pessoas)	5 615
Islamismo (pessoas)	118
Judaísmo (pessoas)	1.971
Não determinada e múltiplo pertencimento (pessoas)	18.591
Novas religiões orientais (pessoas)	1.972
Testemunhas de Jeová (pessoas)	30.608
Tradições esotéricas (pessoas)	1.082
Tradições indígenas (pessoas)	3.323
Umbanda (pessoas)	3.950
Umbanda e Candomblé (pessoas)	5.132
Outras declarações de religiosidades afrobrasileira (pessoas)	218
Outras religiões orientais (pessoas)	1.491
Outras religiosidades (pessoas)	107
Outras religiosidades cristãs (pessoas)	34.934
Não sabe (pessoas)	5.502

Fonte: IBGE (2010)

Os dados da tabela 1 evidenciam que no estado paraense a religião católica configura-se como a predominante, representa cerca de 50,73% de religiosos católicos, sendo a religião Católica Apostólica Romana majoritária com cerca de 4.828.198 religiosos, o que representa cerca de 50,23%. O segundo maior número de religiosos tem-se o da religião evangélica, a qual possui 2.026.332 religiosos resultando em cerca de 21,08%. Esses dados reforçam a influência religiosa presente na formação identitária e nominativa dos municípios de todo estado. Deixa evidente a predominância da religião católica trazida pelos colonizadores europeus.

2.5 Topônimos híbridos

Em decorrência da formação etno-histórica do Brasil apontar a existência de uma formação populacional diversificada, formada por ameríndios, distribuídos em diversos troncos e famílias, por portugueses, por africanos e por estrangeiros. Essa formação heterogênea desencadeou fortes reflexos distintos na língua, nos usos e costumes, nas manifestações religiosas e regionais e, conseqüentemente, na toponímia brasileira, uma vez que “a ocorrência de falantes distintos no território acabaria por marcar, também distintamente, a toponímia local” (Dick, 1990, p. 81).

O hibridismo, sendo um mecanismo de formação de palavra que consiste na combinação de línguas distintas para a formação de novas palavras. Porém, “não se considera um novo processo de formação vocabular, pelo fato de o falante nativo não identificar ou determinar sincronicamente a origem da língua das partes que compõe as palavras formadas por meio de hibridismos” (DIAS, 2016, p. 41).

Para Monteiro (2002), os processos que originam termos híbridos são os mesmos de derivação e composição, a não ser pela origem dos elementos formadores, como nos exemplos *sociologia* (latim + grego), *burocracia* (francês + grego) e *psicomotor* (grego + latim).

Então, o topônimo, na sua formação lexical, é considerado elemento composto específico híbrido, quando as partes que o compõem são de origens linguísticas diferentes. Por exemplo, *Conceição do Araguaia*, em que *Conceição* é um nome português de origem latina, em que significa “*conceber* e está relacionado à concepção da Virgem Maria” (DIAS, 2016, p.113) e *Araguaia* termo de origem tupi, com diversas definições. Para Theodoro Sampaio origina-se do tupi “*a’ra*”, que se refere a *arara*, ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “*gwaya*”, que significa *manso* ou *domesticado*, *arara mansa de cauda longa e bela plumagem*.

A etimologia dos topônimos da pesquisa em estudo é predominantemente de origem latina. Porém, há casos de formações híbridas, em que se combinam palavras de origem latinas com outras línguas, tais como grego, hebraico e Tupi, como no topônimo *Bom Jesus do Tocantins*, formado por termos de origem latina, hebraica e tupi, respectivamente. O fato de ter topônimos híbridos de origem portuguesa e tupi

demonstra que eles foram trazidos pelos colonizadores, por missionários e padres, que adentraram a região com o intuito de assegurar o território e propagar a religião católica.

Para Dias (2016) os híbridos com outras línguas europeias são herança da colonização portuguesa, ou da própria formação da língua que buscou no grego prefixos e sufixos para a formação de palavras eruditas. Em consequência do cristianismo, muitas palavras do hebraico foram introduzidas na língua portuguesa, como exemplo do termo “carmo” que provém de “Monte Carmelus”.

Os topônimos híbridos são aqueles que possui em sua estrutura, elementos linguísticos de diferentes procedências, no Brasil, a formação mais comum é portuguesa + indígena ou a indígena + portuguesa. Segundo dados da nossa pesquisa, podemos citar como exemplo: Bom Jesus do Tocantins, em que o primeiro termo “*Bom*” possui sua origem do latim, o segundo, “*Jesus*” é de origem hebraica e “*Tocantins*” de origem indígena, especificamente da língua Tupi. Outro exemplo é o topônimo São Félix do Xingu, em que os dois primeiros termos “*São*” e “*Félix*” possuem suas origens no latim e o termo “*Xingu*” origina-se na língua indígena Tupi.

Acredita-se que os topônimos em estudo já tenham sido nomeados pelos povos indígenas antes do processo de colonização, no entanto foram renomeados posteriormente pelos colonizadores “o que se convencionou chamar de superposição toponímica” (Dick, 1990, p.84)

Como foi possível observar, quase todos os topônimos que fazem parte do corpus da pesquisa possuem sua estrutura composta e híbrida. Em sua maioria os termos são da língua portuguesa originados do latim e língua indígena, isso possivelmente se explica pelo fato dos topônimos em estudo se tratarem de motivação religiosa, em específico da religião católica, religião na qual o latim era predominante.

Em relação às línguas de origem africana, não foram encontrados topônimos dessa procedência, fato que não se estranha devido à condição de escravo africanos e de seus descendentes na sociedade brasileira da colônia e do império.

3 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados obtidos por meio da pesquisa, através de uma análise e discussão. Para isso, o capítulo inicia-se com a apresentação da metodologia empregada na coleta e o tratamento dos dados. E, em continuidade, busca-se fazer um estudo linguístico, assim como, uma relação entre os aspectos linguísticos e aspectos socioculturais apontados nos capítulos anteriores.

3.1 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico e documental, fundamenta-se em estudos de toponímia. Para efeito de compreensão do processo de construção identitária de oito municípios da mesorregião Sudeste do Pará, faz-se um estudo dos topônimos com motivação religiosa, os *hagiotopônimos*, nome de santo/santa (*hagionimo*), bem como do seu elemento motivacional. Os topônimos considerados na pesquisa são: *Bom Jesus do Tocantins*, *Conceição do Araguaia*, *São Félix do Xingu*, *Santana do Araguaia*, *São Domingos do Araguaia*, *São Geraldo do Araguaia*, *São João do Araguaia* e *Santa Maria das Barreiras*.

Portanto, neste capítulo, em específico, propõe-se uma análise linguística dos topônimos em estudo de forma a evidenciar as motivações toponímicas que predominaram no ato denominativo. Para isso, buscou-se interpretar os significados desses nomes a partir da etimologia, relacionada a aspectos extralinguísticos e do estudo de sua estrutura morfológica.

3.1.1 Coleta de dados

A coleta de dados é proveniente de materiais e obras significativas relacionadas ao estudo de toponímia e da religião católica desenvolvidos no território nacional, a partir da consulta no banco de dados Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística – IBGE; da Associação dos Municípios do Araguaia Tocantins e Carajás - AMAT; em obras como *Cidades do Pará: origem e significado de seus nomes* (Ferreira, 2003); *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a Colonização* (AZEVEDO, 1991);

Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia (Schimink e Wood, 2012); *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nascentes, 1955), buscando respaldo principalmente em DICK (1990), *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos; Hagiotoponímia em Minas Gerais*, tese de doutorado em Letras, de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, além de outras fontes.

A partir dessas pesquisas organizou-se o *corpus* desse trabalho e realizou-se o estudo morfológico, etimológico e motivacional dos *hagiotopônimos*, com vista a análises qualitativas e geotopônicas dos nomes dos lugares selecionados.

A pesquisa trata especificamente dos nomes de santos e santas católicos, sendo os dados classificados como *hagiotopônimos*, subdivisão da décima taxonomia de natureza antro-po-cultural, os *hierotopônimos*, que retomando a classificação de DICK (1990), refere-se aos nomes sagrados de diferentes crenças; às efemérides religiosas; às associações religiosas; aos locais de culto. Os “*hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões*”, os hagiotopônimos - topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano e os mitotopônimos - topônimos relativos às entidades mitológicas, conforme representamos a seguir:

FIGURA 2 – A taxe Hierotopônimos e suas subdivisões.



Fonte: adaptado de Carvalho (2014, p. 89)

Em relação às outras taxonomias, os *hierotopônimos* constituem uma taxonomia toponímica bem mais complexa pelo fato de reunir, dentro do campo semântico dos nomes sagrados, seis categorias distintas de topônimos relacionados. Em meio as categorias ora relacionadas, voltamos nossa atenção para os *hagiotopônimos*, foco da pesquisa, isto é, para os nomes de santos e santas do hagiologia romano.

Após a coleta de dados, seguiu-se uma anotação, segundo modelo de ficha lexicográfica-toponímica, conforme sugerido por DICK (1990), para análise do *corpus*. Isto porque segundo a autora:

[...] a anotação dos nomes em fichas lexicográficas padronizadas (...) constituem as etapas prévias de um conjunto de fases subsequentes (quantificação dos topônimos e das taxonomias; estudo linguístico dos sintagmas toponímicos: etimologia, estrutura morfológica, sufixação, derivação; conjuntos antroponímicos e especificações); entradas lexicais; deslocamentos de topônimos de um acidente para outro; história dos municípios e origem dos nomes; estabelecimento de áreas toponímicas locais e regionais. (DICK, 1990)

Para tanto, os municípios coletados foram organizados em fichas lexicográficas⁴, para assim serem analisados e classificados segundo o objetivo da pesquisa. As informações a serem preenchidas são de descrição linguística, etimológica e histórica de cada município. Para facilitar a leitura e a compreensão destas fichas, será apresentado a seguir um modelo, seguido de uma descrição de cada um de seus constituintes.

Quadro 1: Modelo de ficha lexicográfica-toponímica

Topônimo:	Município:
Localização:	
Estrutura morfológica:	
Etimologia:	
Outro topônimo:	
Contexto histórico:	
Motivação toponímica:	
Taxonomia:	

Fonte: Modelo adaptado de Dias (2016, p. 29)

⁴ As fichas lexicográfica-toponímica dos oito topônimos que compõem o *corpus* da pesquisa estão em apêndice.

De acordo com as necessidades e objetivos da pesquisa, o modelo da ficha lexicográfica-toponímica fica sujeito a adaptações que permitam organizar as informações essenciais dos topônimos para análise considerando os elementos acima citados:

1. **Topônimo** – corresponde ao nome do lugar, como consta nos documentos oficiais e mapas;
2. **Município** – indica o município em que está situado e o lugar a que se refere o topônimo;
3. **Localização** – aponta a localização do município e microrregião na qual está inserido;
4. **Estrutura Morfológica** – indica, conforme (Dick, 1990), a constituição dos topônimos em topônimo simples, composto ou híbrido, além da classe gramatical e o processo de formação lexical (composição ou derivação);
5. **Etimologia** – trata da origem e dos possíveis significados dos topônimos;
6. **Outro Topônimo** - nomes anteriores presentes nos documentos consultados;
7. **Contexto Histórico** – nesse item, apresentam-se as principais informações contidas no histórico do lugar;
8. **Motivação Toponímica** – destaca o evento real ou imaginário, a entidade geográfica, hídrica, religiosa ou o antropônimo que motivou a escolha toponímica;
9. **Taxeonomia** – apresenta a classificação taxeonômica do topônimo a partir das pontuações feitas por Dick (1990).

Portanto, as fichas são imprescindíveis para a interpretação dos designativos das localidades, em virtude de conter vários campos conceituais: localização, etimologia, informações lexicais, contexto histórico, etc., que fornecem dados relevantes sobre cada nome dos municípios que compõem o estudo dos *hagiotopônimos* na mesorregião sudeste do Pará.

3.1.2 Tratamento de dados

O tratamento dos dados utilizado consistiu na utilização do modelo taxeonômico desenvolvido pela percursora dos estudos toponímicos no Brasil, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em suas obras *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990) e *Toponímia e Antroponímia: coletânea de estudos* (1990). No que se refere a análise e teoria lexical teve-se como parâmetro os escritos de Margarida Basílio, *Formação e classes de palavras no português do Brasil* (2014), *Teoria lexical* (2007), de Camara Junior, *Estrutura da língua portuguesa* (2015) e de Valter Kehdi, *Formação de palavras em português* (2003).

Para o tratamento, os dados foram organizados, selecionados e distribuídos em quadros, tabelas e gráficos, possibilitando a realização de um processo de quantificação. A apresentação dos dados em tabelas e quadros facilita o trabalho de interpretação e análise dos dados pelo leitor.

3.2 Análise

A análise dos topônimos em estudo tem como base os seguintes procedimentos: 1) Classificação Taxeonômica, fundamentando-se nas classificações sugeridas e aperfeiçoadas por Dick (1990); 2) Estudo Etimológico, com fontes em estudos lexicográficos e dicionários etimológicos conceituados como Nascentes (1955), Houaiss (2001) e Cunha (2010); 3) Descrição Morfológica, de acordo com abordagem da Teoria Lexical. Com isso, serão enfatizados os aspectos linguísticos dos topônimos em estudo, considerando as abordagens dos aspectos não linguísticos evidenciados nos primeiros capítulos.

3.2.1 Classificação taxeonômica

Ao procurar conhecer as razões motivacionais que se encontram na raiz das denominações dos lugares, fez-se necessário o uso do modelo metodológico de classificação taxeonômica dos topônimos, proposto por Dick, em sua obra *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos* (1990). Nessa obra, iremos nos

deparar diante de duas divisões taxonômicas, a saber: física e antro-po-cultural. Por sua vez, se subdividem em vinte e sete categorias menores, dentre elas, onze correspondem aos elementos constituintes de natureza física e dezesseis aos de natureza antro-po-cultural.

Por aspectos físicos, entende-se os topônimos com motivações semânticas relacionadas ao ambiente físico, e por aspectos antro-po-cultural, compreende-se as relações estabelecidas pelo homem, inserido em uma sociedade, com seus aspectos socioculturais e históricos, como exemplo tem-se o topônimo *Colinas*, em que o vocábulo *Colinas* é classificado de natureza física por ser um elemento natural de formas topográficas de elevação, e tem-se o topônimo *Rio 7 de Setembro*, em que o vocábulo é classificado de natureza antro-po-cultural por ser um elemento relativo a um movimento de cunho histórico-social. Dick (1990) aponta ainda que:

“o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto de ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores.” (Dick, 1990c. p.10)

É através dessas classificações taxonômicas propostas por Dick que a pesquisa busca se basear para a classificação dos oito topônimos em estudo. Conforme foi citado, existem segundo Dick (1990c, p. 31-34) 27 taxes, no entanto, esse estudo detém-se inicialmente em apenas uma classificação, os hagioto-pônimos, por conseguinte de natureza antro-po-cultural.

Através dessa classificação, objetivou-se conhecer os porquês das escolhas das denominações dos lugares e chegar à significação toponímica. Em sequência, será apresentado o quadro com a lista dos topônimos todos de taxonomia composta e sua respectiva natureza.

Quadro 2: Topônimos compostos; natureza e taxonomia

Topônimo	Natureza	Taxonomia
Bom Jesus do Tocantins	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
Conceição do Araguaia	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
São Domingos do Araguaia	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
São Félix do Xingu	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
São Geraldo do Araguaia	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
São João do Araguaia	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo
Santa Maria das Barreiras	NA – NF	Hagioto-pônimo + Litoto-pônimo
Santana do Araguaia	NA – NF	Hagioto-pônimo + Hidrotopônimo

Fonte: dados da pesquisa.

Como topônimo composto entende-se, assim como conceituado por Santos (2012) que são aqueles que apresentam “em sua constituição um nome seguido de um modificador complexo, formado de um nome mais um adjetivo ou um substantivo com um termo preposicionado ou não, para realçar os aspectos do topônimo” (SANTOS, 2012, p. 202), para exemplo tem-se o topônimo *Bom Jesus do Tocantins*, formado pelo adjetivo “bom” de origem latina, o nome “Jesus” de origem hebraica e evangélica, o termo “do” contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o” e o termo *Tocantins* de origem geográfica, originado do Tupi.

Em observação ao quadro (2), registra-se topônimos com duas naturezas, isto é, natureza física (NF) e natureza antro-po-cultural (NA). No que se refere a taxonomia pode-se destacar que dos oito topônimos compostos abordados, sete seguem as mesmas classificações taxonômicas, como por exemplo, *Conceição do Araguaia*, em que o primeiro termo (*Conceição*), é classificado como um hagiotopônimo e o segundo (*Araguaia*) classificado como hidrotopônimo, por ser o primeiro relativo ao nome de uma santa e o segundo em referência ao rio Araguaia. O mesmo caso ocorre com os designativos de *Bom Jesus do Tocantins*, *São Domingos do Araguaia*, *São Félix do Xingu*, *São Geraldo do Araguaia*, *São João do Araguaia* e *Santana do Araguaia* em que, o primeiro termo dos topônimos é classificado como hagiotopônimo e o segundo como hidrotopônimo.

Apenas o topônimo *Santa Maria das Barreiras* apresenta uma estrutura diferente dos demais topônimos compostos. Santa Maria das Barreiras possui seu primeiro termo (*Santa Maria*) classificado como hagiotopônimo e o segundo (*barreiras*) como litotopônimo, classificação, a qual é relativa a constituição do solo (Dick, 1990, p.31).

Assim, dentre os oito designativos compostos classificados como NA e NF, por serem influenciados diretamente pelo contexto sócio-histórico e por elementos naturais (Barreira, rio Tocantins/Araguaia/Xingu), encontra-se apenas um topônimo composto, em que, em sua nomenclatura os termos apresentam classificação taxonômica diferente. Mostra-se então que os topônimos, além de apresentarem diferentes taxonomias, também nos permite perceber a hibridização dos elementos de sua formação, visto que eles estão em sua maioria sujeitos a serem formados por termos de línguas distintas e outros fatores que correspondem a formação e

transformação de palavras de uma língua de um modo geral, pois o léxico “como um sistema dinâmico, apresenta estrutura a serem utilizadas em sua expansão[...] os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico”. (BASÍLIO, 2014, p.9)

O *corpus* da pesquisa é constituído por oito topônimos todos com sua estrutura composta, ou seja, todo o *corpus* é constituído de topônimos compostos, como demonstrado no quadro (2). Assim, não havendo no *corpus* topônimos simples e diante dos dados é possível ressaltar outra peculiaridade que reforça as características e o pertencimento do topônimo àquela região, já que, em sua estrutura composta o segundo termo em quase todos os topônimos fazem referência à aspectos de natureza física da região, como os rios Tocantins, Araguaia e Xingu, os quais perpassam em boa parte da mesorregião do sudeste do Pará. Diante disso, percebe-se a influência religiosa e de aspectos físicos na nomeação dos topônimos em análise e conseqüentemente na identidade local.

3.2.2 Descrição histórica e etimológica: hagiotopônimos

Diante do que já foi abordado até o momento, os oito topônimos que compõem o *corpus* da pesquisa apresentam características comuns por sua base motivacional. Todos trazem em maior ou menor grau a influência de entidades religiosas, sejam elas, nomes de santos ou santas do hagiologio romano.

De acordo com o IBGE (1991, p. 92-94), o povoamento na mesorregião sudeste paraense iniciou-se por volta do séc. XVIII, através das atividades de garimpagem e da pecuária extensiva, mas foi somente na segunda década do século XX é que houve um contingente populacional estável. Foi nesse período que de fato a região passou ter moradores não indígenas fixados. E esses novos moradores/colonizadores trouxeram consigo suas crenças, valores e cultura. Aspectos que são diretamente refletidos nos topônimos.

Através da observação dos topônimos em análise, é possível constatar principalmente os impactos das crenças religiosas que deixaram registros na toponímia local, em sua maioria em referência ao nome de santos e santas da igreja católica, religião apresentada pelos colonizadores portugueses, e com o passar dos

anos, propagada por diversos migrantes. Assim como apresentado no primeiro capítulo desta pesquisa.

Desta forma, a especificidade do signo toponímico mostra, portanto, seu aspecto motivado, ou seja, o designativo toponímico se diferencia dos demais signos da língua por ser motivado. O ato de nomear lugares está intimamente ligado a aspectos importantes dos valores religiosos, sociais, políticos e culturais da memória coletiva, constitui-se um vínculo de identidade entre o termo escolhido e o lugar nomeado (SIQUEIRA, 2011, p.194). Então, os topônimos podem representar valores e podem revelar traços culturais e religiosos da memória e da identidade de uma região. É o que se observa no quadro (3) a seguir, que apresenta os oito municípios do sudeste paraense com motivação religiosa (hagiotopônimos) com uma breve descrição histórica e etimológica⁵.

Quadro 3: Hagiotopônimos

Topônimo	Descrição etimológica e histórica
Bom Jesus do Tocantins	“ <i>Bom</i> ” adjetivo, o termo origina-se do latim “ <i>bonu</i> ”, designando o que tem as qualidades; o que é misericordioso + “ <i>Jesus</i> ” que vem do hebraico da época evangélica. O nome “ <i>Jesus</i> ” quer dizer Salvador + “ <i>do</i> ” contração da preposição “ <i>de</i> ” (posse), com o artigo masculino “ <i>o</i> ” + “ <i>Tocantins</i> ” termo de origem geográfica, vem do tupi “ <i>tu’ kã tim</i> ” e significa bico de tucano ou nariz de tucano. Designa povos indígenas que possuíam nariz aquilino e habitavam as margens do Rio Tocantins. O município surgiu a partir de um roçado realizado pelo migrante maranhense Adão Alvino de Souza e sua família. Em 1966 houve a chegada de novas famílias oriundas principalmente da região nordeste do país. A escolha do nome foi realizada pelas famílias pioneiras católicas.
Conceição do Araguaia	“ <i>Conceição</i> ” nome pessoal feminino, designando a simplificação ou encurtamento de <i>Nossa senhora da Conceição</i> . O termo vem do latim “ <i>conceptione</i> ”, <ato de receber> ou <ato de conceber> + “ <i>Araguaia</i> ” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso</i> ou <i>domesticado</i> , <i>arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas</i> . O núcleo que deu origem ao município foi fundado pelo padre Frei Gil de Vilanova, que veio para região em busca de catequizar os indígenas.
Santa Maria das Barreiras	“ <i>Santa</i> ” feminino de “ <i>santo</i> ”, termo oriundo do latim “ <i>sanctus</i> ”, designando mulher canonizada, virtuosa, digna de veneração + “ <i>Maria</i> ” vem do grego “ <i>María</i> ” + “ <i>da</i> ” contração da preposição “ <i>de</i> ” (posse), com o artigo feminino “ <i>a</i> ” no plural + “ <i>Barreiras</i> ”, junção do substantivo feminino “ <i>barra</i> ”, em referência a sedimentos, pedras e bancos de areias que dificultam o tráfego fluvial com o sufixo “ <i>eira</i> ” originado do latim “ <i>ariu</i> ” designando origem. Ao instalar-se à margem esquerda do Rio Araguaia, o fazendeiro Inocêncio

⁵ Optou-se por apresentar apenas uma vez a descrição etimológica de cada termo. Por exemplo, os topônimos São Geraldo do Araguaia e São João do Araguaia, em que ambos compartilham dos termos “*São*” “*do*” e “*Araguaia*”, esses termos serão descritos apenas na sua primeira aparição seguindo uma ordem alfabética.

	Pereira Costa fundou então o povoado Barreira de Santana que atualmente corresponde ao município de Santa Maria das Barreiras.
Santana do Araguaia	“ <i>Santana</i> ” termo híbrido formado pelas palavras “ <i>Santa</i> ” e “ <i>Ana</i> ”. O termo “ <i>Ana</i> ” vem do hebraico “ <i>Hannah</i> ”, graciosa, que no latim ficou “ <i>ama</i> ”. Segundo os evangelhos, Ana seria muito idosa para ter filhos mas um anjo veio contradizer a natureza e desta forma nasceu a Virgem Maria. O município surgiu a partir de um sub-distrito, Campo Alegre, que por motivos econômicos e pelo aumento populacional e devido também a uma grande enchente ocorrida no então município de Santana do Araguaia, provocando a transferência da sede municipal para Campo Alegre.
São Domingos do Araguaia	“ <i>Domingos</i> ” nome pessoal masculino. Origina-se do latim “ <i>Dominicus</i> ” e significa “ <i>do senhor, aquele que pertence ao senhor</i> ”. Trata-se de um antigo apelido romano e depois nome de santo, sendo o mais celebre São Domingos de Gusmão, que criou a famosa Ordem dos Dominicanos no século XII. A ocupação do local onde hoje está a sede de São Domingos do Araguaia, iniciou-se em 1952, com a chegada de Serafim Canário da Silva, lavrador migrante do estado do Maranhão. O povoado cresceu e teve sua denominação oficialmente alterada para São Domingos do Araguaia em homenagem ao padroeiro local <i>São Domingos de Gusmão</i> e ao Rio Araguaia.
São Félix do Xingu	“ <i>Félix</i> ” nome pessoal masculino. Origina-se do latim “ <i>fēlix</i> ”, substantivação do adjetivo <i>felix</i> , que significa <i>feliz</i> . “ <i>Xingu</i> ” rio do Pará e Mato Grosso, designa nome de povo indígena que habitava sua foz. Termo de origem controversa, Orlando Bordoni dá como vocábulo de origem tupi “ <i>xin...</i> bico, ponta + <i>gu...</i> baía, enseada”. Uma outra definição “Casa de Deus” é dada por um documento da prefeitura do município, diz ainda que nos primórdios o rio Xingu era chamado, pelos indígenas de “ <i>Tuyã</i> ”, que significa solidão. No ano de 1914, o coronel Tancredo Martins Jorge, grande seringalista da região, promoveu reunião de seringueiros, caucheiros e suas famílias, instalando-se no Barracão do Aviador, localizado na confluência dos rios Xingu e Fresco. Foi o primeiro passo para a criação de um povoado, que prosperou baseado no extrativismo vegetal. O nome São Félix do Xingu foi designado por influência de religiosos que trouxeram a imagem de <i>São Félix de Valois</i> e o termo “ <i>Xingu</i> ” em referência ao rio Xingu, foi acrescentado para diferenciá-lo de municípios homônimo.
São Geraldo do Araguaia	“ <i>Geraldo</i> ” nome pessoal masculino. Do germânico “ <i>ger</i> ” que significa lança e “ <i>hart</i> ”, duro, forte, designa um homem forte na lança ou que manuseia fortemente a lança. Encontrado em formas latinizadas “ <i>Gairhardus</i> ” e “ <i>Giraldus</i> ”, sendo que a forma atual é dissimilada de Geraldo. Para Ana Belo, deriva do germânico “ <i>ger</i> ” (lança) e “ <i>waldan</i> ” (governar), informando que São Geraldo foi um monge de Abadia de Moissac no século XI, chamado a Portugal para resolver os conflitos entre padres e senhores, sendo depois nomeado bispo de Braga. O município surgiu a partir de um garimpo na margem esquerda do rio Araguaia. A ocupação definitiva deu-se com o estabelecimento de João Rêgo, em torno de 1953 que se dedicou à compra de castanha e arroz.
São João do Araguaia	“ <i>João</i> ” nome pessoal masculino. Vem do hebraico “ <i>Yōhānān</i> ” (em lugar de <i>Yehohānān</i>) significando <agraciado por Deus ou Deus é misericordioso>, derivou do grego “ <i>Iōánnēs</i> ” pelo latim antigo “ <i>Johán</i> ”, pelo latim medieval e tardio “ <i>Joannes, Johannes</i> ”. Os fundamentos históricos do município datam em 1779, a partir de um mocambo chefiado por Maria Aranha, onde foi construída a povoação primitiva de São João do Araguaia. Historicamente a povoação sempre recebeu ajuda e influência de missionários e religiosos. O Frei Gil de Vilanova foi um dos que colaboraram significativamente para o desbravamento da região. O nome da cidade é em homenagem ao santo de devoção e em referência geográfica do rio Araguaia.

Fonte: informações adaptadas de Ferreira (2003)

Os topônimos elencados no quadro (3), apresentam marcadores ideológicos nos termos designativos de santos, santas da religião católica e estado da federação brasileira. Quanto às características internas, são topônimos compostos formados

pela justaposição de um elemento genérico (EG) e um termo específico (TE). Como, por exemplo, *Canaã dos Carajás*, em que, o primeiro termo se refere a terra prometida e a terra pródiga – e o segundo a um termo específico - a designação de um acidente geográfico e geológico *Serra dos Carajás* ou dos rios que perpassam a região, Araguaia, Tocantins e Xingu. Quanto às características externas, os topônimos em estudo apresentam motivação religiosa, hídrica, de nome de lugar e constituição do solo.

Na descrição do contexto histórico da fundação dos municípios é possível perceber nitidamente o caráter de formação e colonização da região, locais que antes eram povoados apenas por indígenas, passam a ser ocupados por migrantes de outros estados brasileiros, os quais, vieram para região em busca principalmente da exploração e extração vegetal e mineral, mas em decorrência disso acabaram fixando morada e povoando a região, surgindo assim, novos municípios influenciados principalmente pela motivação religiosa, visto que durante o período de colonização diversos padres vieram para a região com o objetivo de propagar a religião católica, principalmente aos povos indígenas.

3.2.3 Descrição morfológica

A descrição da estrutura linguística dos hagiopônimos da mesorregião sudeste do Pará se fundamentará na constituição morfológica apresentada por Dick (1990) em consonância com os estudos de Morfologia Lexical. Percebe-se que para o estudo dos topônimos é imprescindível a análise de sua estrutura morfológica. Então, em sequência será realizada uma discussão acerca da formação linguística dos topônimos, sendo que esses podem ser formados por um único termo (*Belém/PA*), frase (*Bom Jesus do Tocantins/PA*) ou oração (*Vai quem quer/Igarapé BA*), os quais podem acontecer de maneira justaposta ou aglutinada, segundo os dados apresentados no quadro (4).

Dick (1990c, p.13-14) indica ainda que os topônimos podem apresentar três estruturas:

- (i) topônimo ou elemento específico simples, é aquele determinado por um só formante, (substantivo ou adjetivo) que pode apresentar-se

acompanhado também de sufixação diminutiva, aumentativa, ou de outras significações linguísticas. Fazem parte dessa categoria os topônimos *Ourilândia*, *Ulianópolis* e *Cordisburgo*, com as terminações nas partículas *-lândia*, *-pólis* e *-burgo*;

- (ii) topônimo composto ou elemento específico composto, aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, as vezes formação inusitada que talvez apenas a história local poderá elucidar. Fazem parte dessa categoria os topônimos *Conceição do Araguaia*, *São Félix do Xingu* e *Água Azul do Norte*.
- (iii) topônimo híbrido ou elemento específico híbrido formado por elementos linguísticos de diferentes procedências. Esse tipo de formação na toponímia brasileira estabeleceu-se com a língua portuguesa + indígena ou indígena + portuguesa. Fazem parte dessas categorias os topônimos *Bom Jesus do Tocantins*, *Santana do Araguaia* e *São Félix do Xingu*.

Dick (1990) considera que o topônimo, na sua constituição, pode vincular-se “ao acidente geográfico que o identifica”, desse vínculo, cria-se uma relação entre topônimo e lugar denominado. Para que possamos de fato entender esta relação, faz-se necessário o estudo dos termos formadores do topônimo. A autora afirma que dessa relação surge dois tipos de dados básicos, um definido como “termo ou elemento genérico”, que se refere ao lugar geográfico que será denominado e o outro definido como “elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito”, o termo específico é responsável pelas particularidades de cada topônimo (DICK, 1990, p. 10). Os dois elementos, tanto o genérico quanto o específico, ocorrem no sintagma toponímico, de forma justaposta ou aglutinada, de acordo com a estruturação da língua em que se encontram.

Os hagiotopônimos da mesorregião sudeste do Pará, por serem motivados por ações relativas a atividades humanas e sociais, e nesse caso específico marcados fortemente por aspectos ideológicos, são primariamente de natureza antro-po-cultural. Esses topônimos apresentam em sua formação etimológica e morfológica termos relacionados aos migrantes contribuidores para formação/povoação da mesorregião do sudeste paraense. Estratégia do Governo de aumentar a população local, pelo

conceito de vazio demográfico e a necessidade de "desenvolver a Amazônia", por meio de uma política progressista que trouxe também grandes impactos socioambientais. Então, não resta dúvidas de que o processo migratório influenciou de modo significativo à toponímia local.

Com o objetivo de organização da estrutura morfológica correspondente a cada um dos topônimos em estudo, baseou-se na análise gramatical para descrever a classe gramatical de cada topônimo, assim como sugerido por Santos (2012, p.88), gênero, número, acrescentando ainda a sua classificação como simples ou composto. Tem-se em consideração que todos os topônimos pertencem a categoria de nomes próprios e devem seguir uma descrição morfológica conforme os seguintes aspectos:

a) Topônimos simples:

NSf = s.f.sing⁶. Ex.: Belém

b) Topônimos compostos:

Femininos;

NCf = s.f.sing⁷. + prep. + s.m.sing. Ex.: Conceição do Araguaia

NCf = s.f.sing. + prep. + s.m.sing. Ex.: Santana do Araguaia

NCf = adj.f.sing⁸. + s.f.sing. + prep.pl. + s.f.pl. Ex.: Santa Maria das Barreiras

Masculinos;

NCm = adj.m.sing⁹. + s.m.sing. + prep. + s.m.sing. Ex. Bom Jesus do Tocantins

NCm = adj.m.sing. + s.m.sing. + prep. + s.m.sing. Ex.: São Domingos do Araguaia

NCm = adj.m.sing. + s.m.sing. + prep. + s.m.sing. Ex.: São Félix do Xingu

NCm = adj.m.sing. + s.m.sing. + prep. + s.m.sing. Ex.: São Geraldo do Araguaia

NCm = adj.m.sing. + s.m.sing. + prep. + s.m.sing. Ex.: São João do Araguaia

Como já mencionados, os nomes de lugares apresentam em seu processo de formação várias características, podendo ser definidos como simples e composto. Quando composto, se por justaposição ou aglutinação. Seguindo dados da pesquisa, quanto à estrutura morfológica será apresentada no quadro (4).

⁶ Leia-se Nome Simples Feminino = substantivo feminino singular.

⁷ Leia-se Nome Composto Feminino = substantivo feminino singular.

⁸ Leia-se Nome Composto Feminino = substantivo feminino singular.

⁹ Leia-se Nome Composto Masculino = adjetivo masculino singular.

Quadro 4: Estrutura morfológica dos topônimos

Topônimo	Estrutura morfológica
Bom Jesus do Tocantins	Topônimo composto por justaposição <i>Bom + Jesus + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Tocantins</i> .
Conceição do Araguaia	Topônimo composto por justaposição <i>Conceição + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Araguaia</i> .
Santa Maria das Barreiras	Topônimo composto por justaposição <i>Santa + Maria + das</i> (contração da preposição “de” com o artigo feminino “a” no plural) + <i>Barreiras</i> .
Santana do Araguaia	Topônimo composto por aglutinação <i>Santa + Ana</i> e justaposição <i>Santana + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Araguaia</i> .
São Domingos do Araguaia	Topônimo composto por justaposição <i>São + Domingos + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Araguaia</i> .
São Félix do xingu	Topônimo composto por justaposição <i>São + Félix + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Xingu</i> .
São Geraldo do Araguaia	Topônimo composto por justaposição <i>São + Geraldo + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Araguaia</i> .
São João do Araguaia	Topônimo composto por justaposição <i>São + João + do</i> (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + <i>Araguaia</i> .

Fonte: dados da pesquisa

3.2.3.1 Morfologia Flexional

Para a discussão dos critérios morfológicos, seguem os adotados por Basílio (2007) a qual ressalta que a “atribuição de palavras a diferentes classes é feita com base em categorias gramaticais e suas manifestações na flexão e no mecanismo de concordância”, através do critério morfológico “o substantivo é definido como a palavra que apresenta as categorias de gênero e número” (BASÍLIO, 2007, p. 57), sendo os topônimos substantivos, e sendo substantivos são possíveis de serem flexionados em relação ao gênero e número, assim, será realizada a classificação dos topônimos quanto a sua morfologia flexional, em gênero (feminino e masculino) e número (singular e plural).

O quadro (5) apresenta os dados em relação ao gênero dos topônimos em estudo, pode-se observar que há presença de hagiopônimos compostos que podem ser classificados em dois gêneros, a depender do termo analisado, a exemplo o topônimo composto *Conceição do Araguaia*, em que, *Conceição* é um substantivo feminino e *Araguaia* um substantivo masculino. No entanto, serão levados em consideração, com a finalidade de classificação, o primeiro termo de cada nomeação.

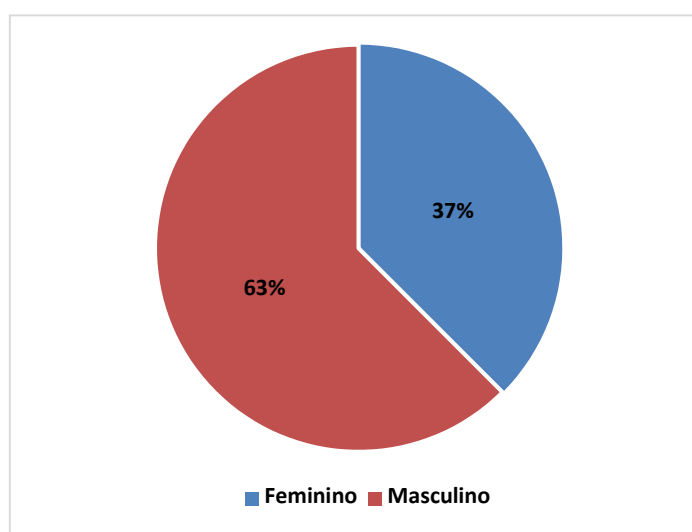
Quadro 5: Topônimos femininos e masculinos

Topônimo masculino	Topônimo feminino
Bom Jesus do Tocantins	Conceição do Araguaia
São Domingos do Araguaia	Santa Maria das Barreiras
São Félix do xingu	Santana do Araguaia
São Geraldo do Araguaia	
São João do Araguaia	

Fonte: dados da pesquisa

Observa-se que os topônimos em estudo contemplam as duas categorias de gênero, tanto feminino, quanto masculino. Havendo a predominância do gênero masculino, isto é, cinco dos oito topônimos são classificados como masculino e três como feminino. Esse quantitativo em dados percentuais são apresentados no gráfico (1).

Gráfico 1: Flexão de gênero dos hagiopônimos



Averigua-se no gráfico (1) em dados percentuais que 63% dos topônimos podem ser classificados como masculinos e apenas 37% como femininos, sendo em números reais 5 hagiopônimos classificados como masculino e 3 como feminino.

Em se tratando da segunda categoria em que podem ser classificados os topônimos, segundo a morfologia flexional, a flexão de número, de acordo com Camara Júnior (2015, p.84) “cria o contraste entre forma singular e forma plural, decorre da presença, no plural, de um sufixo flexional, ou desinência -s, com que a última sílaba do nome passa a terminar”. Assim, o quadro (6) apresenta a ocorrência dos nomes de lugares em evidência, tanto no singular, quanto no plural.

Quadro 6: Topônimo singular e plural

Singular	Plural
Bom Jesus do Tocantins	Santa Maria das Barreiras
Conceição do Araguaia	
São Domingos do Araguaia	
São Félix do xingu	
São Geraldo do Araguaia	
São João do Araguaia	
Santana do Araguaia	

Fonte: dados da pesquisa

Dos oito topônimos analisados, apenas um (*Santa Maria das Barreiras*) apresenta em sua estrutura morfológica aspectos de flexão para o plural, sendo os dois últimos termos (prep. “*das*” + s.f.sing. “*Barra*” + suf.Pl. “*eias*”) marcados pela presença da desinência -s. A seguir, a tabela (2) ilustrará os dados na perspectiva percentual.

Tabela 2: Hagiopônimos – Singular e plural, números absolutos e percentuais

	Absolutos	Percentuais
Singular	07	87,5%
Plural	01	12,5%
Total	08	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Os topônimos com estrutura morfológica flexional no singular correspondem acerca de 87,5 % e os considerados topônimos flexionados no plural corresponde a apenas cerca de 12,5%.

3.2.3.2 Morfologia derivacional

Ao falar-se acerca de morfologia derivacional, considera-se a derivação propriamente dita, isto é, o surgimento de novas palavras a partir de palavras já existentes. Portanto, o léxico é um sistema dinâmico “tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua”. (BASÍLIO, 2014, p.7) Sabe-se que o léxico é composto pelos vocábulos de uma determinada língua e que esse léxico não é estático, mas sim está em constante atualização, “os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante”. (BASÍLIO, 2014, p. 9)

A formação de novas palavras dar-se através dos processos morfológicos de composição e derivação, sendo que o primeiro pode ser classificado em justaposição e aglutinação e o segundo em derivação prefixal, sufixal e parassintética. Para o processo de composição tem-se o conceito de que “o que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura” (BASÍLIO 2007, p.29). Ou seja, o que distingue o processo de composição é, a junção de uma unidade de significação, a existência de outra base, ou seja, a composição ocorre quando dois ou mais radicais se combinam. Como exemplos citados por Basílio (2007), o composto formado por substantivo + substantivo, em que o primeiro funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador, especificador ou qualificador, tais como *sofá-cama*, *couve-flor*, *salário-família*. (BASÍLIO 2007, p.33). E como ressalta Kehdi (2006), “a estrutura dos compostos é sintática, diferentemente do que ocorre nos casos de derivação”. (2006, p. 43)

Em relação ao léxico toponímico, o processo de composição demonstra uma considerável quantidade de ocorrências, sobretudo por meio do processo de justaposição, tanto substantivo + substantivo, substantivo + adjetivo quanto adjetivo + substantivo. Podem ser citados, como exemplos, os topônimos *Conceição do*

Araguaia (PA), (subs + subs), *Porto Nacional (TO)* (subs + adj), *Novo Repartimento (PA)* (adj +subs), *Bom Jesus do Tocantins (PA)* (adj + subs + subs).

O processo de aglutinação ocorre quando há a junção de dois termos, resultando em apenas um, mas não interferindo em seu aspecto semântico. Segundo Kehdi (2003, p. 36) “Tem-se a aglutinação quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes): *boquiaberto, pernalta*.” Em relação aos termos toponímicos aglutinados Dias (2016) discorre em sua tese que com o passar do tempo e devido a falta do uso na língua, alguns termos ou elementos “que se apresentavam aglutinados perdem o sentido genérico” (DIAS, 2016, p. 64). Em outras palavras, quando ocorre a perda de sentido, faz-se necessário o uso de outro termo para a complementação da ideia perdida, surge assim a necessidade de um elemento específico nos topônimos.

Dentre os hagiotopônimos analisados tem-se apenas o termo “*Santana*” (junção do adjetivo “*Santa*” + o substantivo “*Ana*”) do topônimo *Santana do Araguaia*, o qual apresenta em sua estrutura morfológica, o processo de aglutinação.

A organização dos hagiotopônimos compostos em estudo, quanto a suas características morfológicas podem ser observadas no quadro (7).

Quadro 7: Topônimos compostos por justaposição e aglutinação

Justaposição	Aglutinação
Bom Jesus do Tocantins	Santana do Araguaia
Conceição do Araguaia	
São Domingos do Araguaia	
São Félix do xingu	
São Geraldo do Araguaia	
São João do Araguaia	
Santa Maria das Barreiras	
Santana do Araguaia	

Fonte: dados da pesquisa.

No quadro (7) os topônimos foram distribuídos em justapostos e aglutinados. No qual, todos os oito topônimos apresentam processo de justaposição e um apresenta os dois processos tanto de aglutinação (*Sant^a + Ana*) quanto justaposição.

No que tange a composição derivacional, caracterizada segundo Basílio (2007) “pela adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra.” (Basílio 2007, p. 30). Portanto, é possível afirmar que uma palavra derivada é composta de uma base e um afixo. Pode-se exemplificar com “as palavras *artista* (*arte + ista*), *porteiro* (*porta + eiro*), *reconsiderar* (*re + considerar*) e *prejulgar* (*pre + julgar*) e com os topônimos *Goianésia* (*Goia + nésia*), *Barreiras* (*Barra + eiras*) *Ourilândia* (*Ouro+ lândia*) *Xinguara* (*Xingu + ara*), *Ulianópolis* (*Uliana + pólis*) essas palavras são formas derivadas. Em todas elas verificamos a estruturação *base + afixo*, seja com um sufixo, como em *artista*, *Ourilândia* e *Ulianópolis*, seja com um prefixo, como em *prejulgar*.” (Basílio 2007, p. 30).

Diante disso, ao realizar a análise dos hagiotopônimos em estudo, verificou-se que apenas um dos topônimos é composto pelo processo de derivação, o topônimo *Santa Maria das Barreiras*, em que seu último termo “*Barreiras*” é composto pela base substantiva “*Barra*” + o sufixo “*eira*”. Então, o processo de derivação no corpus estudado é praticamente inexistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar os movimentos religiosos e a formação da identidade da mesorregião do sudeste do Pará, através do estudo dos topônimos com motivação religiosa, os hagiotopônimos. Verificou-se que todos os topônimos considerados atestam, em maior ou menor grau, a influência religiosa no processo de formação da região. Com isso, constatou-se a atuação dos movimentos religiosos, que se deu historicamente através de processos de povoamento e migração com forte impacto no processo de formação territorial e identitária da mesorregião sudeste do Pará.

Conforme visto no capítulo 2, o século XX foi marcado por uma intensa, transformação e revitalização, apoiada pela implantação de infraestrutura (energia, ferrovia e rodovias) e por diversos programas governamentais. Observou-se, com isso, um avanço populacional, ocasionado pela exploração das jazidas de minerais e o desenvolvimento de atividades produtivas como a agrícola e a pecuária bovina. Fatos esses que incentivaram e propiciaram a migração de várias pessoas de outros estados brasileiros para a mesorregião sudeste do Pará.

Em relação à etimologia, os topônimos da pesquisa em estudo são predominantemente de origem latina. No entanto, há casos de formações híbridas, em que se combinam palavras de origem latinas com outras línguas, tais como grego, hebraico e tupi, como no topônimo *Bom Jesus do Tocantins*, formado por termos de origem latina, hebraica e tupi, respectivamente. Outro exemplo é o topônimo *São Félix do Xingu*, em que os dois primeiros termos “*São*” e “*Félix*” possuem suas origens no latim e o termo “*Xingu*” origina-se na língua indígena Tupi.

Em relação às línguas de origem africana, não foram encontrados topônimos dessa procedência, fato que não se estranha devido à condição de escravo africanos e de seus descendentes na sociedade brasileira da colônia e do império.

Assim, é notável a relação entre os topônimos em análise e a história, a memória, as religiões e a cultura local, já que, eles apresentam em sua formação morfológica fortes indícios da influência religiosa trazida pelos colonizadores, uma vez que apresentam em sua base etimológica termos que fazem referência a santos e

santas da igreja católica apostólica romana, tais como exemplo, o santo “Félix” no topônimo *São Félix do Xingu* e a Santa “Ana” em *Santana do Araguaia*.

Quanto à estrutura mórfica, a pesquisa verificou que todos os hagiotopônimos em estudo apresentam uma estrutura composta, precedida pelo termo “São” ou “Santa” (São João do Araguaia/ São Félix do Xingu/ Santana do Araguaia/ Santa Maria das Barreiras) com exceção do topônimo *Bom Jesus do Tocantins*. O processo de composição nos oito topônimos ocorre por justaposição. Por exemplo, em *Santana do Araguaia* ocorre os dois processos, tanto de aglutinação (Sant’ + Ana”), quanto de justaposição (Santana + do + Araguaia).

Em relação à morfologia flexional de gênero, observou-se que os topônimos em estudo contemplam as duas categorias, tanto feminina, quanto masculina, havendo a predominância do gênero masculino, isto é, cinco dos oito topônimos foram classificados como masculinos e três como femininos. Em dados percentuais foram 63% dos topônimos classificados como masculinos e 37% como femininos. Em se tratando da morfologia flexional de número, dos oito topônimos analisados, apenas um (*Santa Maria das Barreiras*) apresenta em sua estrutura morfológica aspectos de flexão para o plural, sendo os dois últimos termos (prep. “das” + s.f.sing. “Barra” + suf.Pl. “eiras”) marcados pela presença da desinência –s.

Em relação à morfologia derivacional, verificou-se que houve apenas uma ocorrência de topônimo composto pelo processo de derivação, o topônimo *Santa Maria das Barreiras*, em que seu último termo “Barreiras” é composto pela base substantiva “Barra” + o sufixo “eira”, assim mesmo, vale destacar que também trata-se de uma composição, se analisado o étimo como um todo e não apenas um de seus elementos. Os demais topônimos são formados por composição. Sendo sete topônimos compostos pelo processo de justaposição e um topônimo (*Santana do Araguaia*) que é formado pelos dois processos de composição, tanto por justaposição (Santana + do + Araguaia), quanto por aglutinação (Sant’ + Ana”).

As diferentes estruturas de composição dos topônimos, conforme demonstrou a pesquisa, deixa claro que a escolha de nomes dificilmente comporta sinal de impessoalidade, manifestada por algo aleatório ao ato de dar nome em si mesmo, visto que existem vários agentes motivadores na estruturação do nome de um lugar, dentre eles o religioso. Pois é possível traçar uma estreita relação com a formação

histórica e povoação da região. Com isso, constata-se que o estudo dos topônimos constitui um importante indicador do processo de constituição histórica, cultural e identitária de uma região. Uma vez que, por ser um signo motivador, o topônimo preserva como “um fóssil linguístico” (DICK, 1990) a memória, a história, a cultura, a religião e os aspectos identitários de uma comunidade.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos da ciência toponímica paraense e brasileira, mais precisamente, venha a somar como um marco importante dos estudos voltados para essa ciência na mesorregião sudeste do Pará, a qual possui poucos estudos sobre sua toponímia. Acredita-se que esta investigação se constitua em uma valorização línguo-cultural, possibilitando a reflexão de fatos e ocorrências de diversos momentos da formação da atual comunidade em estudo, em razão desses designativos possuírem valores que transcendem o próprio ato de nomear. Dick, (1996, p. 337), afirma que o topônimo “vai deixando de ser apenas um instrumento de marcação ou de identificação de lugares para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos”. Assim, a temática não se esgota nos limites desta pesquisa, mas sim o oposto disso, entende-se que seja o ponto de partida para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

AMAT – Associação dos Municípios do Araguaia, Tocantins e Carajás. Disponível em: www.amatcarajas.com. Acessado em: 02/03/2018.

AMORIM, Maria Adelina. *Os franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos*, Lisboa: Instituto Camões, 2005.

AZEVEDO, J. Lúcio de. *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a Colonização*. 5, Largo de Camões, 6. Lisboa: Editora, 1991.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASILIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Confederação Nacional dos Municípios. Informações dos Municípios. *História*. Brasília, DF. Disponível em <<http://portal.cnm.org.br/v4/v11/municipio/historia.asp?ildMun=100115023>>. Acessado em: 02/03/2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 31 mar. 2018.

CAMARA, Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1.ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. 2ª edição. Florianópolis: Editora: UFSC, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4º ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Toponímia dos Primeiros Municípios Tocantinenses*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *O problema das taxonomias toponímicas*, uma contribuição metodológica. Revista USP, São Paulo. V. 4 (p.373-380) novembro de 1975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/122791> Acesso em: 18 de fev. De 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Os nomes como marcadores ideológicos*. In Acta Semiótica et Linguística – SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998.v.7.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP 1990.

FERRARA, L. D. As Mascaras da Cidade. *Dossiê Cidades*, São Paulo, n.5, p. 3-10, mar/mai, 1990. Disponível em: Acesso em 15 jul. 2019.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Cidades do Pará: origem e significado de seus nomes*. Editora Buriti. Belém: 2003.

GOHN, M. G. *Teoria dos Movimentos Sociais*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HEMMING, John. *Amazon frontier: the defeat of the Brazilian Indians*. Londres, Macmillan. 1987.

HEMMING, John. *Fronteira Amazônica. A derrota dos índios brasileiros*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 2009.

HEMMING, John. *The search for El Dorado*. London, Michael Joseph: 1978.

HOORNAERT, Eduardo. A Amazônia e a Cobiça dos europeus. In: *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1990. p. 49-62. Disponível em <<https://www.resumoescolar.com.br/portugues/gramatica/formacao-de-palavras-pela-derivacao-e-composicao/>>. Acesso em 27 de maio de 2019.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: amostra – Religião, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/pesquisa/23/22107> . Acesso em 02 de março de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: amostra – Pará, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/historico>. Acesso em 02 de março de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 02 de março de 2018.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português* (Série e Princípios 215). 3. ed. 5. Impressão. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LOUREIRO, Antônio José Souto. *Síntese de História do Amazonas*. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1978.

MELO, Pedro Antônio Gomes de. *O nome de lugar: possíveis sentidos atribuídos aos topônimos de povoados de Alagoas*. Artigo. Universidade Estadual de Alagoas. Odisseia, Natal, RN, n. 14, p. 69-89, jan. - jun. 2015.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.

NEVES, Luis Felipe Baêta. *O Combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

NUNES, Wilson da Silva. *Conversando com o Xingu*. Unigraf. Belém, 1998.

REZENDE, Tadeu Freitas. *A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no Período Colonial: a definição das fronteiras*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. 2006. 356 p.

SANTOS, Joviano Gonçalves dos. *O nome e o Lugar: a toponímia na região central de Minas Gerais*. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. *Toponímia, poder e identidade: uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão*. *Revista Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 171-195, 2016. Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/download/18873/16431#:~:text=A%20identidade%20forma%2Dse%20da,constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20personalidade%20e%20da>>. Acesso em 05 de jul. de 2019.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Referência e Onomástica*. Wordpress, 2019. disponível em: <https://filologiauefs.files.wordpress.com/2019/03/seabra-cc3a2ndida-referc38ancia-e-onomc381stica.pdf>> Acesso em 18 de fev. de 2020.

SCHIMINK, Marianne; WOOD, Charles H. *Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia*. Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Moura. Belém: ed. UFPA, 2012.

SILVA, Idelma Santiago da. *Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)*. 2006. Fls. 181. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal do Pará. 2006, Goiânia.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. *Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises*. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em < www.revel.inf.br > Acesso em 18 de jul. de 2019.

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. 1. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. *Revista ACTA Geográfica*, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.59-83. Disponível em < <https://revista.ufr.br/index.php/actageo/article/viewFile/204/364> > Acesso em 08 de jun. 2019.

TEIXEIRA, Claudia Barbosa. *A influência do sentido religioso na formação da cidade do Rio de Janeiro: de Villegagnon ao Vice-rei*. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

TUAN, Y. -F. *Espaço e Lugar. a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

APÊNDICE

FICHAS LEXICOGRÁFICA-TOPONÍMICA

Quadro 1 – Classificação do Topônimo Bom Jesus do Tocantins

Topônimo: Bom Jesus do Tocantins	Município: Bom Jesus do Tocantins
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Paragominas	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, Bom + Jesus + do (contração da preposição “de” com o artigo masculino “o”) + Tocantins.	
Etimologia: “Bom” adjetivo, termo origina-se do latim “ <i>bonu</i> ”, designando <i>o que tem as qualidades; o que é misericordioso ou indulgente; magnânimo, caridoso</i> + “Jesus” vem do hebraico da época evangélica “ <i>lexu</i> ”, por “ <i>leoxuá</i> ” ou “ <i>lexuá</i> ”, significando <i>Deus é o auxílio</i> . Pela transcrição grega ficou “ <i>lesoús</i> ”, pelo latim “ <i>lesus</i> ”. É o sagrado nome do filho de Deus. O nome “ <i>Jesus</i> ” quer dizer <i>Salvador</i> + do + “Tocantins” termo de origem geográfica, vem do tupi “ <i>tu’ kã tim</i> ” e significa <i>bico de tucano ou nariz de tucano</i> . Designa uma tribo de povos indígenas que possuíam nariz aquilino e habitavam as margens do Rio Tocantins. (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: Bom Jesus do Tocantins	
Contexto Histórico: O município de Bom Jesus do Tocantins, foi criado pela Lei nº 5.454, de 10 de maio de 1988, com área desmembrada de São João do Araguaia. Sua criação se deu nos anos de 1964, ocasião em que a oferta de terras devolutas não era muito grande. Devido à inexistência da PA-70, poucas pessoas tinham acesso ao local. Sua história está relacionada com a do Município que lhe deu origem. Segundo a memória social local, o morador mais antigo do Município é o maranhense Adão de Souza. A denominação “Bom Jesus” surgiu a partir das ideias de moradores mais antigos que consideravam ser um nome significativo, pois é o nome de Deus. Possui somente o distrito sede: Bom Jesus do Tocantins. O primeiro prefeito deste, foi o Sr. Lúcio Antunes da Silva. (CNM - Conferência Nacional dos Municípios).	
Motivação Toponímica: Nome do filho de Deus e Rio Tocantins.	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 2 – Classificação do Topônimo Conceição do Araguaia

Topônimo: Conceição do Araguaia	Município: Conceição do Araguaia
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Conceição do Araguaia	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, Conceição + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Araguaia.	
Etimologia: “Conceição” nome pessoal feminino, designando a simplificação ou encurtamento de <i>Nossa senhora da Conceição</i> . O termo vem do latim “ <i>conceptione</i> ”, <ato de receber> ou <ato de conceber>. “Araguaia” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso</i> ou <i>domesticado</i> , <i>arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas</i> . (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: Conceição do Araguaia	
Contexto Histórico: O município foi estabelecido por missionários que se puseram a aculturar os índios que viviam na bacia Araguaia-Tocantins. O núcleo que deu origem ao atual município de <i>Conceição do Araguaia</i> foi fundado em 30 de maio de 1897, pelo padre francês Frei Gil de Vilanova, que veio para a região do Araguaia em busca de catequizar os índios Kayapó e Xavante. Em 14 de abril de 1900, foi criado o <i>Distrito de Conceição do Araguaia</i> , em 03 de outubro de 1908, através da Lei Estadual nº 1.901, foi criado o Município de Conceição do Araguaia. A lei nº 1.905, de 18 de outubro de 1920, elevou <i>Conceição do Araguaia</i> à categoria de Cidade. Pelo decreto estadual nº 06, de 04 de novembro de 1930, o município de Conceição do Araguaia foi extinto, sendo seu território anexado ao município de Belém. Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Conceição do Araguaia, pela Lei Estadual nº 08, de 31 de outubro de 1935. (FERREIRA, 2003; SCHMINK, 2012).	
Motivação Toponímica: Nossa Senhora da Conceição e Rio Araguaia	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 3 – Classificação do Topônimo São Félix do Xingu

Topônimo: São Félix do Xingu	Município: São Félix do Xingu
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de São Félix do Xingu	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, São + Félix + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Xingu.	
Etimologia: “São” vem do latim “ <i>sanctus</i> ”, designando <i>homem canonizado, sagrado, inviolável, virtuoso, digno de veneração e que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã.</i> “Félix” nome pessoal masculino. Origina-se do latim “ <i>felix</i> ”, substantivação do adjetivo <i>felix</i> que significa <i>feliz</i> . “Xingu” Rio do Pará e Mato Grosso, designa nome de povo indígena que habitava sua foz. Termo de origem controversa, para Silveira Bueno não é tupi, mas também não afirma sua origem; Orlando Bordoni dá como vocábulo de origem tupi “ <i>xin... bico, ponta + gu... baía, enseada</i> ”: <i>enseada em ponta, grande quantidade de água que escoar por uma ponta</i> . O mesmo Bordoni oferece a definição: <i>rio pouco escuro</i> . Um documento da Prefeitura do Município oferece a definição de “Casa de Deus”, informa ainda que nos primórdios o Xingu era chamado, pelos indígenas de “ <i>Tuyá</i> ”, que significa “solidão”. (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: São Félix da Boca do Rio - São Félix de Gradaús	
Contexto Histórico: O Município de São Félix do Xingu foi criado pela Lei nº 2.460 em 29 de dezembro de 1961, com subdivisão distrital das localidades de Altamira e Tucumã. Limitando - se com os municípios de Rio Maria, Xinguara, Marabá e Altamira. Localiza-se na margem direita do médio curso do rio Xingu, onde este se encontra com o rio Fresco. Diferente de Ourilândia e Tucumã, São Félix não é uma cidade de “beira de estrada”, apesar de situar-se no final da PA-279. Mas como cidade da “beira”, não é antiga como outras localizadas próximas à foz do rio Xingu. O nome da cidade é homenagem a <i>São Félix de Valois</i> , que teve sua imagem trazida por religiosos pioneiros. O vocábulo “do Xingu” foi acrescentado para diferenciá-lo de Município homônimo nos Estados da Bahia e Mato Grosso. (FERREIRA, 2003; NUNES, 1998).	
Motivação Toponímica: Santo São Félix de Valois e Rio Xingu	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologia romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 4 – Classificação do Topônimo Santana do Araguaia

Topônimo: Santana do Araguaia	Município: Santana do Araguaia
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Conceição do Araguaia	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, Santana + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Araguaia.	
Etimologia: “Santana” termo híbrido formada pelas palavras “ <i>santa</i> ” e “ <i>Ana</i> ”. O termo “ <i>santa</i> ” é feminino de “ <i>santo</i> ”, termo que origina-se do latim “ <i>sanctus</i> ”, mulher canonizada, virtuosa, digna de veneração, e que vive conforme preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã. O termo “ <i>Ana</i> ” vem do hebraico “ <i>Hannah</i> ”... graciosa, que no latim ficou “ <i>ama</i> ”... ele (Deus) favoreceu-se. Segundo os evangelhos apócrifos, Ana seria muito idosa para ter filhos, mas um anjo veio contradizer a natureza e desta forma nasceu a Virgem Maria, mãe de Deus. A igreja canonizou Santa Ana no século VI. “Araguaia” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso</i> ou <i>domesticado</i> , <i>arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas</i> . (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: Santa Maria das Barreiras	
Contexto Histórico: As origens do Município de Santana do Araguaia estão ligadas à Conceição do Araguaia e, especialmente, à Santa Maria das Barreiras, uma das mais antigas povoações araguaianas. O antigo Distrito de Santa Maria das Barreiras tornou-se Município em 29 de dezembro de 1961, com denominação alterada para Santana do Araguaia. Com Santana do Araguaia ocorreu, de fato, uma transposição toponímica regional amparada por lei e apoiada por apenas uma parte da população interessada no desenvolvimento econômico, deixando de lado o passado de glória de um povo que lutou por muitos anos para manter sua cultura e história (FERREIRA, 2003).	
Motivação Toponímica: Município de Conceição do Araguaia, Santa Maria das Barreiras e Rio Araguaia	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 5 – Classificação do Topônimo São Domingos do Araguaia

Topônimo: São Domingos do Araguaia Município: São Domingos do Araguaia
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Marabá
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, São + Domingos + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Araguaia. Etimologia: “São” vem do latim “ <i>sanctus</i> ”, designando <i>homem canonizado, sagrado, inviolável, virtuoso, digno de veneração e que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã</i> . “Domingos” nome pessoal masculino. Origina-se do latim “ <i>Dominicus</i> ” e significa “ <i>do Senhor, aquele que pertence ao Senhor</i> ”. Trata-se de antigo apelido romano e depois nome de santo, sendo o mais célebre São Domingos de Gusmão, que morreu em Bolonha (Itália) e criou a famosa Ordem dos Dominicanos no século XII. “Araguaia” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso ou domesticado, arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas</i> . (FERREIRA, 2003, p.)
Outro Topônimo: Centro das Latas – São Domingos das Latas
Contexto Histórico: O município de São Domingos do Araguaia, teve início com a chegada do lavrador piauiense Serafim Canário da Silva, no ano de 1952. A partir do ano de 1953 outras famílias, inclusive parentes de Serafim, começaram a chegar e se estabelecer próximo ao local onde habitava o lavrador piauiense. <p>O nome São Domingos surgiu em 1955, em homenagem ao primeiro padre que celebrou missa no local. Em 1991 foi realizado o plebiscito para emancipação do município tendo 99,5% dos votantes apoiado esse movimento, que se concretizou no mesmo ano. A área do município de São Domingos do Araguaia foi desmembrada do município de São João do Araguaia. (AMAT, IBGE)</p>
Motivação Toponímica: Homenagem ao primeiro padre que celebrou missa no local e ao Rio Araguaia
Taxonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.

Quadro 6 – Classificação do Topônimo São Geraldo do Araguaia

Topônimo: São Geraldo do Araguaia	Município: São Geraldo do Araguaia
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Marabá	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, São + Geraldo + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Araguaia.	
Etimologia: “São” vem do latim “ <i>sanctus</i> ”, designando <i>homem canonizado, sagrado, inviolável, virtuoso, digno de veneração e que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã.</i> “Geraldo” nome pessoal masculino. Do germânico “ <i>ger</i> ”, que significa <i>lança</i> , e “ <i>hart</i> ”, <i>duro, forte</i> ; designa um homem <i>forte na lança</i> ou <i>que manuseia fortemente a lança</i> . Encontrado em formas latinizadas “ <i>Gairhardus</i> ” e “ <i>Giraldus</i> ”, sendo que a forma atual é dissimilada de <i>Gerardo</i> . “Araguaia” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso</i> ou <i>domesticado</i> , <i>arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas</i> . (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: São Geraldo do Araguaia	
Contexto Histórico: De acordo com FERREIRA (2003), Garimpo do Chiqueirão, localizado na margem direita do Rio Araguaia, em área do Município de Xambioá, atual Estado de Tocantins, foi o principal motivo da origem do Município de <i>São Geraldo do Araguaia</i> , na margem esquerda do Araguaia. A ocupação definitiva deu-se com o estabelecimento de João Rêgo Maranhão, em torno de 1953, às margens do Rio Araguaia. Com o tempo formou-se um povoado em torno do barracão de João Rêgo. Com a morte do filho único do casal de comerciantes, foi erguida uma pequena capela em homenagem a <i>São Geraldo</i> , nome do filho adotivo de dona Leocádia. Descreve que o Município de São Geraldo do Araguaia, foi criado pela Lei Estadual nº 5.441, de 10 de maio de 1988, sancionada pelo governador do Estado, Hélio Mota Gueiros, e publicada em Diário Oficial nº 26.350, com área desmembrada do município de Xinguara. (FERREIRA, 2003; IBGE)	
Motivação Toponímica: Homenagem ao Filho de João Rêgo Maranhão (fundador do povoado na região) e Rio Araguaia	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 7 – Classificação do Topônimo São João do Araguaia

Topônimo: São João do Araguaia	Município: São João do Araguaia
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Marabá	
Estrutura Morfológica: Topônimo Complexo e Híbrido, São + João + do (contração da preposição “de” (posse), com o artigo masculino “o”) + Araguaia.	
Etimologia: “São” vem do latim “ <i>sanctus</i> ”, designando <i>homem canonizado, sagrado, inviolável, virtuoso, digno de veneração e que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã.</i> “João” nome pessoal masculino. Vem do hebraico “ <i>Yôhãñã</i> ” (em lugar de <i>Yehohãñã</i>), significando < <i>agradecido por Deus</i> > ou < <i>Deus é misericordioso</i> >, derivou do grego “ <i>Ioáñnes</i> ” pelo latim antigo “ <i>Johán</i> ”, pelo latim medieval e tardio “ <i>Joannes, Johannes</i> ”. “Araguaia” termo de origem tupi, com diversas definições. Theodoro Sampaio diz que origina-se do tupi “ <i>a’ra</i> ”, que se refere a <i>arara</i> , ave da família das Psitácidas, de cauda longa, pontuda e de bela plumagem, acrescido de “ <i>gwaya</i> ”, que significa <i>manso</i> ou <i>domesticado</i> , <i>arara mansa de cauda longa e bela plumagem: rio dos papagaios ou das araras mansas.</i> (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: São João da Ponta	
Contexto Histórico: De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a localidade de São João do Araguaia surgiu no fim do século XVIII por iniciativa da capitania do Grão-Pará, para estabelecer um entreposto militar na confluência dos rios Tocantins e Araguaia. O nome São João do Araguaia é uma homenagem ao Santo João e por localizar-se próximo a confluência do rio Araguaia. (FERREIRA, 2003; IBGE)	
Motivação Toponímica: Santo São João e Rio Araguaia	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Hidrotopônimo – topônimo resultante de acidentes hidrográficos.	

Quadro 8 – Classificação do Topônimo Santa Maria das Barreiras

Topônimo: Santa Maria das Barreiras	Município: Santa Maria das Barreiras
Localização: Mesorregião Sudeste do Pará e Microrregião de Conceição do Araguaia	
Estrutura Morfológica: Topônimo Composto, Santa + Maria + das (contratação da preposição “de” (posse), com o artigo feminino “a” no plural) + Barreiras, Formação Lexical por derivação.	
Etimologia: “Santa” feminino de “santo”, termo que vem do latim “sanctus”, designando <i>mulher canonizada, digna de veneração e que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã.</i> “Maria” o nome da Virgem, mãe de Jesus Cristo. vem do latim “ <i>Maria</i> ”, este do grego “ <i>Mariá</i> ”, que, por sua vez, se deve ao hebraico “ <i>Mirian</i> ”. “Barreiras” topônimo de origem geográfica, junção do substantivo feminino “ <i>barra</i> ” e do sufixo “ <i>eira</i> ”. O termo “ <i>barra</i> ” vem do latim vulgar “ <i>barra</i> ”, em referência a <i>sedimentos, pedras e bancos de areias que dificultam tráfego fluvial.</i> O sufixo nominativo “ <i>eira</i> ” vem do latim “ <i>ariu</i> ” designando <i>origem.</i> (FERREIRA, 2003, p.)	
Outro Topônimo: Altas Barreiras – Santana do Araguaia – Barreira de Santana	
Contexto Histórico: Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os fundamentos históricos do Município de Santa Maria das Barreiras, remontam a 1892, quando o sertanista fazendeiro Inocêncio Costa demandou à margem esquerda do rio Araguaia e estabeleceu-se em Altas Barreiras. Ao fundar a povoação, o desbravador Inocêncio Costa a denominou <i>Barreira de Santana</i> . Em 29 de dezembro de 1961, pela Lei Estadual nº 2.460, foi criado o Município de <i>Santa Maria das Barreiras</i> , a partir desta data houve alteração toponímica, passando a chamar-se <i>Santana do Araguaia</i> . Reestabelecendo seu antigo nome, <i>Santa Maria das Barreiras</i> foi elevado a município pela Lei Estadual nº 5.451, de 10 de maio de 1988, desmembrado do Município de Santana do Araguaia. Instalado em 01 de janeiro de 1989. O nome da cidade é de origem religiosa e geográfica, em homenagem à Santa de devoção e as barreiras naturais de navegabilidade do Rio Araguaia. (FERREIRA, 2003)	
Motivação Toponímica: Santa Maria e Barreiras naturais de navegabilidade do Rio Araguaia	
Taxeonomia: Natureza Antropo-Cultural e Física Hagiotopônimo – topônimo relativo aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Litotopônimos – topônimo relativo de índole mineral e constituição do solo.	